

O INSPETOR GERAL

Contada em cinco atos

Tradução de
Augusto Real

Classificação: Guarani

ADVERTÊNCIA

Nesta tradução procuramos o máximo de fidelidade ao texto de Gógol, que encontramos quase integralmente. Não esquecemos, porém, que o espetáculo se destina ao público de hoje. Por isso não hesitamos em utilizar algumas palavras e expressões em suas conotações atuais e locais.

A.B.G.G.

PERSONAGENS

ANTON ANTONOVITCH SKOVINE-DMUKA-
NOVSKI, governador

ANNA ANDREIEVNA, sua esposa

MARIA ANTONOVNA, sua filha

LUKA LUKITCH, inspetor das escolas

SUA ESPOSA

AMMOSS FIEDOROVITCH LIAPKIN-TIAPKIN, juiz
local

ARTÊMÛ PHILIPPOVITCH ZEMLIANKA, diretor do
hospital

IVAN KUZMITCH CHIRKIN, chefe dos cartões

PIOTR IVANOVITCH DORTCHINSKI

PIOTR IVANOVITCH DORTCHINSKI

fraternal

IVAN ALEXANDROVITCH KHLESTAKOV, funcio-
nário de São Petersburgo

ÓSSIP, seu criado

368

CHRISTIAN IVANOVITCH GIBNER, médico local

FÉDOR ANDREIEVITCH LILUAKOV

IVAN LAZAREVITCH BASTAKOVSKI

funcionários
da cidade

STEPAN IVANOVITCH KOROKIN

STEPAN ILITCH, chefe de polícia

SYISTUNOV

FUGOVITZEN

soldados

DIERJIMORDA

ABDULIN, comerciante

FEVRÔNIA PETROVNA POCHLEPKINA, mulher do
carpinteiro

A VIÚVA DO SUBTENENTE

MICHEL, amigo do governador

O chefe do hotel

Um guarda

Convidados, comerciantes, burgueses

CENA I

*Sala da casa do governador. Em cena
está o governador, o diretor do hospital,
Arling Pospolitch, o diretor da escola,
Luka Lukitch, o juiz Ammann Piskun-
vitch, o chefe de polícia, o médico e
dois soldados.*

GOVERNADOR

Mais senhores, chamai-os aqui para lhes dar uma noti-
cia muito desagradável: é iminentemente a chegada de um
inspector.

AMMOSS

O quê? Um inspector?

ARTÉMY

Como é que é, um inspector?

GOVERNADOR

Exatamente. Um inspector de São Petersburgo, que veio
investigar a, para ciência dos males, em muito segredo.

AMMOSS

Ai, ai, ai, ai!

ARTÉMY

De fato, uma notícia muito desagradável.

LUKA

Mrs. Deus! É o que é pior, em missão secreta!

GOVERNADOR

Eu já percebia isso. Durante toda a noite sonhei com estaturas enormes, palavra de honra que nunca vi nenhum tão desconhecido. Mas ao aproximarem de mim, me chamavam estranhamente e se afastavam cautelosas, pretas, grandes... Você lê para os senhores uma carta que recebi de Andrei Ivanovitch. Ouçam bem: "Querido amigo, compadres e benfiteiros..." (Pala alguns breves murmurando qualquer coisa.) Ah, está aqui: "Apreto-vos a informá-lo da chegada de um funcionário especializado, que leva instruções para inspecionar toda a presidência e especialmente o nosso distrito". (Levanta e lê com um grave significado.) "Essa informação me veio de fonte segura, embora esse inspetor esteja viajando incógnito. Como sei que você, meu caro governador, é um homem inteligente que não gosta de deixar escapar o que lhe cai nas mãos..." (Suspirando!) Bem, aqui vêm coisas sem importância, tá, tá, tá... "O meu conselho é que se deve tomar todas as precauções porque esse funcionário poderá chegar a qualquer momento, se é que já não chegou e aí se encontra escondido. Quem eu..." Bem, aqui vêm assuntos de família... "Minha irmã Anna veio visitar-nos ontem com seu marido. Ivan Kirilitch esqueceu muito a conduta tocando violão..." etc. Por aí vejam vocês como estão as coisas.

AMMOSS

Na verdade o caso é excepcional, excepcional, realmente excepcional!

LUKA

Mas por que será que isso acontece? O que é que um inspetor vem fazer aqui?

GOVERNADOR

É o destino! Assim agora, graças a Deus, essa peste só matou o sr. no distrito dos outros, hoje, chegou a nossa vez!

AMMOSS

Eu creio, senhor governador, que para isso deve existir um motivo mais sutil e de índole política. Eu me explico: a Rússia... lá é... a Rússia deseja a guerra e o ministro manda um funcionário para averiguar se por aqui existe algum traidor.

GOVERNADOR

Mas que absurdo! Traidores numa aldeirinha como a nossa? Mas me admira que o senhor, um homem tão inteligente, diga uma tolice dessas. Estamos tão longe de qualquer povoado que, mesmo viajando três anos a cavalo, não chegaríamos a lugar nenhum.

AMMOSS

Pode garantir, senhor governador, que o senhor está equivocado no seu raciocínio. O ministro é muito astuto e não escapa ao seu olhar nem os povoados mais distantes das fronteiras.

GOVERNADOR

Escutando eu não escapando, os senhores já estão avisados. Da minha parte, já tomei algumas providências e eu os aconselho a fazer o mesmo. Subornado o senhor

Andréy Philippovitch. Sem dúvida o inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o hospital. De modo que não resta nada além de um pouco mais decente: fornecer roupa limpa aos doentes, trocar os lençóis de dormir para que não fiquem parecendo lençoadores de chaminé, como habitualmente.

ARTÊM

Bom, isso é fácil, roupa é para ser lavada de vez em quando...

GOVERNADOR

Claro. E além disso seria conveniente, ao pé de cada cama, uma ficha com o nome da doença e a data de entrada do paciente, tudo escrito em latim ou em outro idioma sobre qualquer. O doutor Christian que toma providências. Não é bom que os doentes vejam um forno tão frio. Mas a gente entra numa enfermaria tem logo vontade de espirrar. E depois há doentes dormia. Dá até uma má impressão ver tantos doentes assim no seu hospital. Poderiamos dispensar alguns.

ARTÊM

Quanto a isso, eu e o doutor Christian pensamos da mesma forma. Quanto mais deixarmos a natureza trabalhar sozinha, melhor. Não usamos remédios curas. O homem é um ser simples. Quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, não há Coisa que o impeça. E seria mesmo muito penoso para o doutor Christian dar-se ao trabalho de curar e que os doentes reclamem. Ele não fala uma palavra de russo... mas é muito competente. (O doutor Christian entra um com que, fuma entre o "i" e o "e")

GOVERNADOR

E ao senhor juiz Ammos Fiedorovitch, eu aconselharia a ser mais cuidadoso com o seu tribunal. Na sala de espera, onde ficam os litigantes, os camélers vivem criando grossos e ganchinhos que sejam tudo e fazem com que se possam tropeçar. Naturalmente, a agricultura é digna de todos os elogios. É por que um camélar não poderia estar aqui? Claro que pode. Mas nesse lugar é indecoroso levá-lo. Eu sempre queria chamar a sua atenção sobre isso. Mas, não sei por que, sempre me esquecia.

AMMOSS

Hoje mesmo darei ordem para que apremem os pinças e que sejam levados para a cozinha. Se quiser, venha almoçar comigo.

GOVERNADOR

Obrigado. O senhor há de ver que é lamentável que em plena sala de audiências se pendurem roupas para secar. E que sobre a mesa do juiz se veja um cheiro de roupa. Eu compreendo perfeitamente que o senhor goste de roupa, mas não é aconselhável que um espere durante os julgamentos. É preciso tirar tudo daí. Quando o inspetor tiver ido embora, que volte tudo ao seu estado normal. Também devo dizer que o seu escritório... Claro que ele é um homem muito capaz, mas cheiro tão mal como se tivesse acabado de sair de um dormitório. Isso não chega a ser digno de elogios. Se é verdade, como eu digo, que o meu cheiro é de casaca, ainda assim há um recurso: de que como alho, cebola, ou qualquer outra coisa. Nesse caso o doutor Christian poderia ajudá-lo com diversos medicamentos. (O doutor Christian novamente entra e sai.)

ANIMOS

Meu secretário diz que caiu do céu da mãe quando era muito pequeno e desde então adquiriu esse caráter de vedes.

GOVERNADOR

Bem, eu disse por dizer. Quanto às medidas de ordem interna e aquilo que Andrei Ivanovitch chama em sua carta de "pocadilha", eu nada posso dizer. É afinal de contas, assim por acaso algum homem no mundo que não tenha algum "pocadilha"? O próprio Deus todo-poderoso quis que assim fosse, e é em vão que vociferam contra isso os volta-árabes.

ANIMOS

Pocadilha, quem não os tem? Eu por exemplo, eu digo abertamente a todo mundo que sou subnormal, recibo propinas. Mas, que classe de propinas? Clãs perdigueiros! Ah, isso já é outra coisa!

GOVERNADOR

Clãs perdigueiros ou qualquer outra coisa, tudo é suborno.

ANIMOS

Não, meu caro Anton Antonovitch. Quando alguém possui um subterfúgio que custa, por exemplo, quinhentos rublos, e sua mulher um salo de...

GOVERNADOR

O fato de alguém se vender por um clássico de coque ou se vender por qualquer outra coisa não tem importância.

cia. O importante é que o senhor não acredite em Deus e nunca vai à igreja. Eu, pelo menos sou um homem de fé imperfeita, mas vou à igreja todos os domingos. O senhor não. Conheço-o muito bem. Quando começa a falar da criação do mundo, meus cabelos ficam todos de pé.

ANIMOS

Vou bem que tudo o que eu digo é produto da minha própria inteligência.

GOVERNADOR

Muitas vezes a inteligência em excesso é pior do que a ignorância. E depois, falo no tribunal por falar. Para ser franco, creio que não passará pela cabeça de ninguém meter-se com o tribunal. Afinal de contas, ele está guardado por Deus! Quanto ao senhor Lukin, como diretor da escola, seria conveniente que se preocupasse um pouco com os professores. Bem sei que se trata de gente culta que estudou em diversas escolas. Mas não hábito muito espalhafatosos que certamente se devem à sua condição de pedagogos. Um deles, por exemplo, um que tem a cara larga, não me lembra bem o nome dele, toda a vez que começa a falar, faz uma carota assim. (Risos.) Claro que se a carota é feita diante dos alunos, este fato não tem nada de extraordinário. Talvez deva ser assim mesmo. Isso eu não posso julgar porque não tenho conhecimentos pedagógicos. Mas pense bem, se o professor fizer uma cara dessas diante de um vizinho flutuante, a coisa poderia ficar mal parada. O inspetor poderia pensar que a carota fosse dirigida a ele, e as consequências seriam verdadeiramente terríveis.

LUKA

Mas o que é que eu posso fazer? Já falei com ele tantas vezes. Ainda no outro dia, quando o padre visitou a escola, o tal professor foi uma das tais cartas. Mais expantosa do que nunca. É certo que ele foi impellido a isso por sua bondade laica, mas eu é que acabei levando o maior susto, por permitir que se implantasse na juventude ideias tão avançasadas.

GOVERNADOR

A mesma coisa deve dizer em relação ao professor de história. É um sábio — isso é evidente — sabe muito. Mas se expressa com tanta veiosidade que se esquece do resto. Outro dia eu mesmo vi. Enquanto falava dos austrios e dos habibélicos ia tudo muito bom, mas, quando chegou a vez de Alexandre, o Grande, o que ali se passou naquela sala de aula foi indescritível. Eu juro que pensei que a escola estivesse pegando fogo. Devera corrido da sua mesa e começou a bater furiosamente com as cartei-
ras no chão e na cabeça dos alunos. É certo que Alexandre, o Grande, foi um herói. Mas por que queimar as cartei-
ras? Só se foi para dar prejuizo ao Estado!

LUKA

De fato é um homem muito impulsivo. Eu já lhe fiz essa observação e ele me respondeu: que quer que eu faça? Eu seria capaz de dar minha própria vida pela ciência!

GOVERNADOR

É? Assim é a miséria da lei do destino. O homem intelli-
gencia, quando não é um bilhado, é um louco.

LUKA

Tanta fatalidade servir ao setor do ensino. Todos se ma-
tem. Todos querem mostrar que também são inteligentes.

GOVERNADOR

Isso não é nada. O pior é esse maldiso impetor inco-
gnito! Imaginem se, de repente, ele aparece aqui? "Ah,
ah, pois então estão todos aqui comigo, hein? . . . Quem
dos senhores é o juiz? — Lashin-Tashin, senhor! —
Pois que venha à minha presença! — Quem é o diretor
do hospital? — Zemlianka, senhor! Que venha, Zemli-
anka!" Isso é que é mau! Muito mau!

CENA II

Esse o chefe dos correios.

CHEFE DOS CORREIOS

Que foi que aconteceu, que funcionário é esse que vem
aí?

GOVERNADOR

O que já ouviu a respeito?

CHEFE DOS CORREIOS

Pour Ivanovitch Bototchinski foi me visitar lá nos cor-
reios e me contou?

GOVERNADOR

E qual é a sua opinião?

CHEFE DOS CORREIOS

Estamos em guerra com os turcos.

AMMOSS

Exatamente. A minha vez.

GOVERNADOR

Exatamente. Os dois tiveram a mesma ideia idiota.

CHEFE DOS CORREIOS

Pois garanto que vai haver guerra com os turcos. São intrigas dos franceses.

GOVERNADOR

Que guerra com os turcos coisa nenhuma! Nós é que vamos passar mal, não os turcos. Recobi uma carta...

CHEFE DOS CORREIOS

Ah, quer dizer que não vai mais haver guerra com os turcos?

GOVERNADOR

Não, Ivan Kuzmitch. Mas, diga-me lá, como vão as coisas para o seu lado?

CHEFE DOS CORREIOS

O que interessa isso? É para seu lado como é que vão, senhor governador?

GOVERNADOR

Bom, eu não disse que disse terror, mas um pouco de medo... Os comerciantes me causam algumas dificuldades. Dizem que eu lhes tiro muito dinheiro!... E eu,

só Deus sabe, quando sequestra alguma coisa de algum delin, era sem delin sem maldade. Eu sei pouco... (Lembra-se para um canto, conduzindo-o pelo braço.) Eu acho que... Olha, será que houve uma denúncia contra mim? Por que mandariam para cá um inspetor? Ouça, Ivan, para o bem de todos, não poderia abrir as cartinhas que entram e saem de sua repartição? Assim, só para passar as almas, ver se não há uma denunciazinha e depois, então, se não houver, poder-se fechar a cartinha novamente, ou entregar assim mesmo, aberta...

CHEFE DOS CORREIOS

Não me dá licença. Há muito tempo que eu faço isso. Não por curiosidade, mas por simples curiosidade. Gosto muito de saber o que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessante. Há cartas que se liem com delícia; existem histórias muito bonitas, mais instrutivas que as do jornal.

GOVERNADOR

Então me diga, não tem nada sobre o inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS

Não. Mas é uma pena que o senhor não leia essas cartas. Há passagens preciosas. Ainda há pouco, para não se abor, um suboficial escreveu a um amigo, descrevendo um baile e usando a linguagem mais florida: "Aqui a vida foi na última vez, meu querido amigo. Jovens formosas, um é músico e se baila com entusiasmo"... E com que emoção escreveu isso. Até guardo a carta ao amigo. Quer que a leia?

GOVERNADOR

Não, agora não estou pensando em bailar. Mas me

faça um favor. Sa, por casualidade, sair nas mãos alguma queratinista, ou delaplozinha, raspet sem a menor consideração.

CHEFE DOS CORREIOS
Com muitíssimo gosto.

AMIGOS
Lembre-se de que algum dia isso lhe pode custar caro...

CHEFE DOS CORREIOS
É verdade! Você acredita que...

GOVERNADOR
Qual é quê? Isso não é nada, não é nada. Não se vai rasgar a carta em público. Essa conversa vai ficar em família...

AMIGOS
Ih!... Esse assunto não está me cheirando nada bom. Eu sinto calafreamento para cá, para lá, sinto um co-cherinho... limbo de sangue daquele pedigriseiro que a senhor conhece. Como a senhor sabe, Tcheplovitch iniciou um processo contra Verkhovinski, e agora estou na glória. Cada coitinho nas terras de um e de outro.

GOVERNADOR
Deus do céu, os corcos já não conseguem me divertir! Esse maluco inspetor indolente não vai dos meus pensamentos. Estou sempre esperando que a porta se abra e...

CENA III

Entram, ofegantes, Bobchinski e Dobuchinski.

BOBCHINSKI
Um acontecimento extraordinário!

DOBCHINSKI
Uma novidade inesperada!

TODOS
Que foi? Que aconteceu?

DOBCHINSKI
Um caso imprevisto. Estamos chegando do hotel...

BOBCHINSKI
Eu estou chegando do hotel com Piotr Ivanovitch.

DOBCHINSKI
Por favor, Piotr Ivanovitch, permita que eu conte tudo.

BOBCHINSKI
Ah, não, Piotr Ivanovitch, deixe que eu conte tudo...

DOBCHINSKI
Não! O senhor vai se confundir e vai esquecer alguma coisa importantíssima.

BOBCHINSKI
Não! Eu vou me lembrar de tudo. Eu juro. Vou me lembrar de tudo. Não me atrapalhe, deixe-me contar, não

me atrapalhe. Senhores, digam a Piotr Ivanovitch que não me atrapalhe!

GOVERNADOR

Mas falem logo pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu! Sentem-se! Piotr Ivanovitch, sente-se. E o senhor, Piotr Ivanovitch, sente-se também. (Sentam-se todos.) Bem, o que foi que aconteceu?

BOITCHINSKI

Por favor, por favor! Contarei tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de ser o peixe do sair de sua casa, depois que o senhor houve por bem perturbar-se por ter recebido aquela carta, quando imediatamente... Por favor, não me interrompa, Piotr Ivanovitch. Eu sei todos os detalhes, todos, todos, todos. Portanto, tinha a gentileza de me permitir contar. Foi quando à casa de Korobkin e como ela encontrava Korobkin em casa, foi visitar Rustakovski, que também não estava. Então foi procurar Ivan Karmich para lhe contar as notícias que o senhor tinha acabado de receber.

BOITCHINSKI (interrompendo)

Ali perto daquele quiosque onde se vendem pastéis.

BOITCHINSKI

Perto do quiosque onde se vendem pastéis. Certo. Encontrei-me com Piotr Ivanovitch e disse: "Por acaso já soube da notícia que o senhor governador recebeu através de uma carta fidalgua?" Piotr Ivanovitch já tinha ouvido falar disso pela sua criada que, não se sabe por que, havia sido mandada à casa do Philippe Agatonovitch Potchotchkaiev...

BOITCHINSKI (interrompendo)

Ela para buscar um barrileto de vodka francesa.

BOITCHINSKI

Buscar um barrileto de vodka francesa. Então eu fui com Piotr Ivanovitch à casa do Potchotchkaiev. Não, não, por favor, Piotr Ivanovitch, não me interrompa! Fomos à casa do Potchotchkaiev, mas, no caminho, Piotr Ivanovitch me disse: "Vamos entrar no hotel, sinto um grande saio no estômago. Ainda não comi nada hoje". — Sim, Piotr Ivanovitch não tinha comido nada. — "Lá no hotel estão servindo peixe fresco" — disse ele. — "Vamos matar a fome." Mas tínhamos entrado no hotel quando, de repente, um homem jovem...

BOITCHINSKI (interrompendo)

Bom apressada, com traje civil...

BOITCHINSKI

Bom apressada, com traje civil, estava passando pela sala com um ar profundo... É uma fisicomia! (Apontando a crata) É aqui... muitas coisas. Parecia saber de tudo. Tinha logo um presentimento e disse a Piotr Ivanovitch: "Aqui há dor de cabeça". Assim foi. Então Piotr Ivanovitch chegou com o dedo o dorso do hotel, e Vlas, os senhores conheceram. A mulher dele deu à luz há três semanas a um menino lindo, lindo, precioso. Quando cruzar vai ser batizado como o pai, não há dúvida. Piotr Ivanovitch chamou Vlas com o dedo e perguntou baixinho: "Quem é aquele moço?" Vlas respondeu: "Aquela!..." Por favor, Piotr Ivanovitch, não interrompa. O senhor não pode contar, não vai contar filha de dentista, quando fala, sussurra, não vai contar di-

reito. "Aquele é um jovem funcionário" — disse Vlas. — "Sim! Um jovem funcionário que vem de São Petersburgo... Sim! De São Petersburgo e que se chama... Ivan Aleksandrovitch Khlestakov. E viaja a caminho de Saratov... É. E age de forma muito estranha. Há duas semanas que mora aqui e não sai do hotel, compra tudo a crédito e não paga um centavo". Assim que ouvi isso, Deus me ilumina, e eu disse a Piotr Ivanovich: "Hum!"

DOSTCHINSKI

Não, Piotr Ivanovich, quem disse "Hum!" fui eu.

DOSTCHINSKI

Primeiro foi o senhor, mas eu imediatamente respondi. "Hum! Hum!", disseram Piotr Ivanovich e eu... "Por que terá ele ficado aqui quando seu destino é Saratov? E concluímos que só pode ser aquele funcionário..."

GOVERNADOR

Que funcionário?

DOSTCHINSKI

O inqúeto.

GOVERNADOR

Que é que o senhor está dizendo? Não, não, não pode ser ele!

DOSTCHINSKI

É ele sim, é ele!... Não paga e não sabe viajar, só pode ser.

DOSTCHINSKI

É ele sim. Apesar que é. Ele vê tudo. É um observador que fica olhando. Viu que Piotr Ivanovich e eu estávamos comendo um salada. Só porque Piotr Ivanovich tinha um varão no estômago e sabem o que foi que ele fez? Muito bem. Olhou um dos pratos. E sentiu um calafrio no corpo inteiro.

GOVERNADOR

Mou Deus, onde pindado de nós, pedras. Em que quarto está hospedado?

DOSTCHINSKI

No número cinco, debaixo da escada.

DOSTCHINSKI

No mesmo quarto onde brigaram aqueles oficiais no ano passado...

GOVERNADOR

Há quanto tempo ele está aqui?

DOSTCHINSKI

Há duas semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR (à parte)

Dois semanas. Santo Deus! Salva-me, eu te imploro! Nessas duas semanas espantamos a cidade de voluntários, não damos comida aos pobres e as ruas estão povoadas que um chipiqueiro, uma inundação, uma rajada. Que vergonha! Que desastre!

ARTÊM

Senhor governador, não seria conveniente que nós fôssemos ao hotel, em particular?

AMMOSS

Não, não, seria melhor que o grupo fosse encabeçado pelo clero e pelos comerciantes. . .

GOVERNADOR

Não, não, permitam-me. Eu já me vi em apuros mais de uma vez e eu sei bem de todos os truques. Talvez Deus me ajude a escapar ainda esta vez desse maldisco! (Para Fedotichinski) O senhor disse que o faranteiro é jovem?

BOTCHINSKI

De vinte e três para vinte e quatro anos.

GOVERNADOR

Melhor assim, será mais fácil de lidar. O perigoso é tratar com uma raposa velha. Um jovem tem tudo à flor da pele. Os senhores se prepararam para enfrentar a situação de um lado. Eu irei socorrer com Piotr Ivanovitch, digamos, como quem dá um passeio sem caráter oficial, para verificar se atendem devidamente aos hóspedes do hotel. *Silêncio!*

SVISTUNOV

Que foi?

GOVERNADOR

Vá buscar depressa o chefe da polícia, ou melhor, espere, que eu preciso de você. Mande buscar o chefe da polícia e volte logo. (O soldado sai rapidamente.)

ARTÊMY

Vamos, vamos, Ammass Fiedorovitch. Ainda pode acontecer uma desgraça.

AMMOSS

De que é que o senhor tem medo? De sua parte é suficiente colocar uma toalha limpa na cabeça dos doentes e está tudo arranjado.

ARTÊMY

Que toalha, qual nada? O problema é que receberam para os doentes sopa de acido e nos corredores se sente um cheiro de repulho que é de se tapar o nariz.

AMMOSS

Aí, certo ponto, estou tranqüilo. Afinal de contas quem se aterroria é se meter com um tribunal de província? E quem matasse o nariz no espólio não lamentar isso para o resto da vida. Há quinze anos que sou juiz e, quando me ocorre dar uma espiadinha em algum dos processos, prefiro desistir. Nem o próprio Rei Salomão seria capaz de descobrir onde começa a verdade e acaba a mentira.

CENA IV

O juiz, o diretor do hospital, o diretor da escola e o chefe dos correios saem e chegam-se, na porta, com a solidão que regeia.

GOVERNADOR

O que está pronto?

SOLDADO

Está sim.

GOVERNADOR

Enleie vi pra rua... não, é melhor que você fique aqui. Vi e me traga... mas onde é que estão os outros? E Fochbarov, onde é que está? Já mandei que ele também viesse aqui. Onde está?

SOLDADO

Está numa casa particular e não pode vir daí no momento.

GOVERNADOR

Por quê?

SOLDADO

É que o trouxeram de madrugada, muito embriagado, jogaram dois baldes d'água em cima dele, mas não adiantou nada.

GOVERNADOR (*pondo as mãos na cabeça*)

Ai, meu Deus, meu Deus! Saia depressa... vá, não. Vá correndo até o meu quarto, está ouvindo? E me traga depressa a minha espada e o meu chapéu novo! Vamos, Piotr Ivanovitch, a caminho!

BORTCHINSKI

E eu? E eu? Formiga que eu vi também, governador!

GOVERNADOR

Não, não, Piotr Ivanovitch, é impossível!... Ele ficará assistindo ao chaparim lá em cima e, além disso, o carro é muito enfileado. Não cabem três pessoas...

BORTCHINSKI

Mas não se preocupe, saculécia, não se preocupe... Eu

vou correndo atrás do carro, como um cachorrinho. E depois eu me conformo em dar só uma espiadinha pelo buraco da fechadura, para ver como o forasteiro se comporta.

GOVERNADOR (*levantando a espada, ao sergentes*)

Vá correndo e olhe os papéis e que cada um deles... Oh! Vejam só como está a espada, vejam só! Esse mal-dito comerciante Abaila sabe muito bem que o governador está usando uma espada velha e torta e não é capaz de lhe mandar uma nova! Gente preta, esses comerciantes! E aposte que cada um deles já está com sua denunciadilha debaixo do braço!... Que cada guarda pegue uma vareta e varta conscienciosamente a rua que leva ao hotel, está ouvindo? E tome cuidado... Eu o agradeço bem... Você costuma andar com os botões d'ouro de talheres de prata rachados. Não pense que eu engana. A mim ninguém engana. O que você fez com o comerciante Tchervakoff, hein? Tchervakoff lhe deu alguns metros de pano para que você fizesse um uniforme e você lhe roubou a peça toda, desgraçado! Você se ouzou! Não vai querer mais do que é permitido à sua hierarquia. Vá!

CENA V

Entra o chefe de polícia.

GOVERNADOR

Ah!... Graças a Deus, Serguei Blach, onde andava perdido!

CHEFE DE POLÍCIA

Portinho depois.

GOVERNADOR

Ouça, Sargus Nach. O inspetor de São Petersburgo já chegou. Está na cidade. Que medidas foram tomadas?

CHEFE DE POLÍCIA

Ah, que o senhor insiro. Mande o sargento Papovitch com um grupo de guardas varrerem as ruas.

GOVERNADOR

E Dierjmonda onde está?

CHEFE DE POLÍCIA

São para apagar um incêndio.

GOVERNADOR

E Proshoren, está bêbado?

CHEFE DE POLÍCIA

Bêbado.

GOVERNADOR

E quem permitiu isso?

CHEFE DE POLÍCIA

Sabe-se lá? Quem, houve uma briga fora da cidade. Proshoren foi para o local a fim de restabelecer a ordem. Voltou bêbado.

GOVERNADOR

Pois então, veja o que tem a fazer: chame o sargento

Papovitch e mande-o ficar bem no meio da porta. Ele é bastante alto e causará uma ótima impressão. Mandi imediatamente desvelar aquela cerca velha da casa do capataz e porham lá algumas vigas, pedras, para dar a impressão que se está construindo. Quanto mais obras públicas existam, mais se nota a atividade do governador. Ai, meu Deus, agora-me lembro! Junto à cerca há um mocho de lino que devia para encher quarenta carruagens. Cidade desgraçada! É bastante levantar um monumento ou uma simples cerca para que imediatamente joguem um mocho de lino em volta! (Suspira.) E se o inspetor que acaba de chegar perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder: "Contentíssimos. Excelente". E aquele que não estiver contente, vai ter razões de sobra depois para não estar. Ai, pobrez da mim, pecador, pecador! (Em lugar de chapéu, pega uma caixa de papéis.) Fazeri com que isso tudo termine logo, Deus meu, e vos ofereçarei uma vela tão grande como ninguém jamais viu. E obrigarei que cada um desses amplos comerciantes me mande dez quilos de cera. Ah, meu Deus, meu Deus. A caminho. Ficar Ivanovitch. (Em lugar de chapéu quer colocar na cabeça a caixa de papéis.)

CHEFE DE POLÍCIA

Antão Antonovitch, isso é uma caixa, não é um chapéu.

GOVERNADOR deludido e calado

Uma caixa? Diabo!! Ah, e se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subscrição das caixas de caridade feita alguns anos atrás, não se exporiam de dizer que começamos a reconstrução, mas que a capela pagou logo. Sobre isso eu já apresentei um rela-

tória. Não se esqueça, porque, então, pode aparecer por aí algum bobão que irreflexivamente afirma que as obras nem mesmo começaram. E diga a Dionísio que continue um pouco os estudos: para pôr ordem ele costuma consultar o olho de todo mundo, culpado ou inocente. Vámos, vamos! Piotr Ivanovitch. (Finge que sai, mas não sai.) Ah, e não deixe que as solidades saiam de casa para a rua como eles costumam fazer. As vezes essas marionetes põem a técnica em cima do corpo e saem sem nada por baixo. (Tudo assim.)

CENA VI

Entram Anna Andreievna e Maria Antonovna.

ANNA

Onde é que eles estão, onde é que eles estão? (Abre a porta.) Meu marido? Antoninho, Antoninho! Antocha! (Falando com rapidez.) Você é que é a culpada, a culpada de tudo! "Um alfinete, um lençinho!" Não havia jeito de terminar de se arrumar. (Vai até a janela e grita.) Anton, onde é que você vai? Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Que inspetor? Tem bigodes? Que bigodes?

GOVERNADOR (fora)

Agora não posso responder!... Mais tarde, mais bem, mais tarde!

ANNA

Mais tarde?... Cêta só como é que você está vestido! Não quero saber dessa história de ficar esperando. Basta

que você responda isso: quem é o forasteiro? Caracol, hein? (Com raiva.) Foi embora. Eu nunca fui de me esquecer dessa cachorrada que ele me fez! E você é a culpada de tudo: "Maneizinha! Espere, maneizinha, eu preciso arrumar o cabelo!..." Tudo por causa da sua malícia coquetaria!... Bastou ouvir dizer que tinha chegado o chulo dos correioes para começar a fazer despena na frente do espelho. Você está crente que ele corre atrás de você, mas ele lhe faz caretas quando você vira as costas...

MARIA

Que se há de fazer, maneizinha? De qualquer forma, dentro de duas horas ficaremos sabendo de tudo.

ANNA

Depois de duas horas. Multíssimo obrigada. Se estranho que não tenha passado pela sua cabeça dizer que depois de um mês sabíamos de tudo muito melhor. (Corre na janela.) Eh, Antônia! Você já sabe se chegou alguém? Não? Engratada! O governador lhe contou, e daí? Você podia ter perguntado, não é, hein? Não ter a insistência de descobrir uma coisa tão simples. É que você anda com a cabeça cheia de bobagens, só pensa em numeradas, notas! Que é que você disse? Eles foram depressa? Por que é que você não foi atrás, hein? Corre, corre imediatamente. Porquê que forasteiro é esse. Se é elegante, entende? Olhe pelo buraco da fechadura e verifique todos que estão em, se não estiverem lá, e volte correndo. Agora, vá depressa, vá! Vá! Depressa, depressa, depressa...

(Continua gritando enquanto vai a porta.)

ATO II

CENA I

Pequeno quarto no hotel. Uma cama, mesa, cadeira, um par de botas, coveiro, etc.

ÓSSIP *(entrando na cama de um lado)*

Diabo! Que sono que eu tenho! Mira eu mesmo está toda alvoroçada. Parece que há uma banda militar tocando trombone aqui dentro. Se continuar desse jeito, nunca vamos voltar para casa. Que é que vamos fazer? Há dois meses que estamos de São Petersburgo. Pela verdade o pobre diabo do meu parlarinho perdeu toda a destreza jogando baralho. E agora fica sentado por aqui, quietinho, com o rabo entre as pernas, com a maior cara de pau. Bem que a gente já podia ter chegado em casa. Mas a gambela tem de se voltar em todo quanto é lugar! *(Janta.)* "Óssip, procure o melhor quarto do hotel e pora mim escolha a melhor comida. Não separe um moço alheio. Tenho uma absoluta necessidade do que há de melhor." Se fosse um alto funcionário, vá lá! Mas não pareço de um militarzicozinho à toa. Mal conheceu um outro viajante, mergulhou a cabeça em cima do baralho e aqui estamos nós, a senhem! Ah, já estou farto dessa vida. No campo se vive bem melhor. Lá não há tanta solidão, mas pelo menos não se tem tanta preocupação. Basta arrumar uma boa mulher, e deixar a vida correr, junto do queninho do forno, comendo panzinhos. Claro que a vida em São Petersburgo pode ser melhor, quando há dinheiro. Ah, então, sim. Pode-se levar uma grande vida, refinada... Existem matros, política, dança

de cachorros, tudo que a gente quer. Lá se fala uma linguagem tão mais florida que a dos nobres. Quando se vai às compras, os comerciantes gritam saudações logo que a gente aparece na porta: "Excelentíssimo!" Quando a gente tem de atravessar o rio, ao pegar a barca, a gente se senta ao lado de um alto funcionário público. Quando se está aborrecido, basta entrar num bonapain, e ali, alguns cavalheiros nos contam histórias heróicas e nos explicam o significado de cada estrela do céu. De modo que as coisas ficam tão claras como se estivessem na palma da nossa mão. E às vezes entra alguma velha acompanhando uma menina doçote e aí então, aí, aí, aí... (Ri, balance a cabeça.) Lá as pessoas são tratadas como se fossem aristocratas. Não se ouve nunca uma só palavra desonrosa. A mim me chamam sempre de "excelência". Se me aborrego quando estou andando a pé como uma carruagem, é passivo como um grande senhor. E se não quero pagar o cocheiro, não pago. Afinal todas as coisas têm duas portas, uma na frente e outra nos fundos. E se não estiverem satisfeitos consigo que me atacam um cachorro em cima. Só há uma coisa ruim: às vezes se come como um príncipe, outras vezes se arrabona de fome, como agora! E o porquê disso é que tem a culpa de tudo. Que é que se pode fazer com ele? O pai lhe manda dinheiro, bastaria ter um pouco de cuidado, mas qual? Só anda de carruagem, vai toda dia ao teatro, e, antes do fim da semana, manda me comprar a roupa nova. Às vezes compra até a última camisa e fica só com a roupa de baixo e o capote. Pora vida! E pensar que suas roupas são de um pano tão bom! Tudo de primeira inglesa. Só a roupa vale mais de cento e cinquenta rublos. E lhe dão menos de vinte por ela, e pelas calças é bom nem falar, lhe dão uma rublaria. E tudo isso por

qual? Porque não leva nada a sério. Em lugar de se dedicar ao trabalho, gasta todo o tempo pensando pela avenida Nevski e jogando baralho. Ah! Se o velho patriarca nobreza dissesse!... Mesmo sendo um funcionário público, meu anjinho, ele o faria servir as calças e lhe daria umas boas palmadas, coisas que obrigam a ficar quatro dias de cama. Um funcionário é um funcionário, que diabo! E agora o bocheiro diz que não vai dar mais nada pra gente comer enquanto não se pagar a conta! E com que dinheiro vamos pagar? Ah, meu Deus! Se pelo menos me dessem uma coxa de porco. Eu estou com tanta fome que tenho a impressão de poder engolir o mundo inteiro sem mastigar. Está fazendo, deve ser ele!

CENA II

Levanta-se precipitadamente da cama.
Evan Khlestakov.

KHLESTAKOV

Segure! (Dá-lhe a chapelé e a bengala.) Você tomou a se apoiar na minha cama, não é?

ÓSSIP

E pra que eu iria me apoiar? Pensa que eu nunca vi uma cama na minha vida?

KHLESTAKOV

Você está mentindo. Você se deitou. Olha só, está toda desarrumada.

ÓSSIP

Pra que eu preciso de sua cama? Pensa que eu não sei

e que é uma cama? Eu tenho pernas, posso ficar de pé!
Pra que eu iria querer sua cama?

KHLESTAKOV *(passaria pelo quarto)*
Acabou o furo?

ÓSSIP
E como não haveria de acabar? Faz mais de quatro dias
que o senhor fureou o pouco que ainda havia!

KHLESTAKOV *(passaria e morde caprichosamente as lá-
bios. Por fim, diz com voz sonora e sem
derisão)*

Escute! Eh, Óssip!

ÓSSIP
Que foi?

KHLESTAKOV *(com voz muito menos sonora e menos de-
rídica)*

Vá lá!

ÓSSIP
Lá onde?

KHLESTAKOV *(com voz muito menos sonora, na qual
não se distingue a menor derisão e se per-
cebe alguma coisa muito próxima a uma
súplica)*

Lá embaixo, na cozinha. Vá lá e diga pra eles o seguinte:
diga que eu preciso almoçar.

ÓSSIP
Não, eu não quero ir.

KHLESTAKOV
Como é que você se atreve a me responder assim,
estúpido!

ÓSSIP
Eu me atrevo porque me atrevo. De qualquer forma,
mesmo que eu fosse, não iria adiantar nada. O hoteleiro
já disse que não vai dar minha comida pra gente.

KHLESTAKOV
Mas por que não? Isso é um absurdo!

ÓSSIP
E ele disse mais ainda. Disse que vai fazer uma denúncia
ao governador. Há mais de três semanas que estamos
aquí, e o senhor ainda não lhe pagou nada. "Você e o
seu amo", disse ele, "são uns bons malandros. E esse seu
amo é um charlatão. Já vi muitos pícaros e sem-vergon-
has dessa laid" — disse ele.

KHLESTAKOV
E você se atreve a me repetir isso que ele disse, minha
bosta?

ÓSSIP
E ele disse mais ainda: "Dê-se jeito, qualquer um pode
viver como príncipe e ficar cheio de dívida. E sem ao
menos poderem mandá-los embora antes que paguem.
Mas comigo não vai ser assim, não. Eu vou direto fazer
a denúncia para que ele vá logo para a cadeia!"

KHLESTAKOV
Chega, chega, idiota! Cale a boca. Faça o que eu
mando! Que animal, que bruto!

ÓSSIP

É melhor que eu chamo o boateiro e ele mesmo venha aqui falar com o senhor.

KHLESTAKOV

Para quê? Vá lá você. Você pode falar com ele sozinho.

ÓSSIP

Mas eu acho que é melhor o senhor falar.

KHLESTAKOV

Vá, vá pro diabo que o carregue! Chame esse boateiro.
(Sai Óssip.)

CENA III

KHLESTAKOV (surpreso)

Estou morto de fome! Dei um passeio para ver se perdia o apetite, e nada — que diabo, não há janta! Se não fosse aquela maldita festa em Penza, o dinheiro daria pelo menos para chegar até em casa. Aquela capotada de infância me acabou sem piedade. Que maneira estranha que ele tinha de produzir azar. Que bicho! Em quinze minutos me deixou gelado no meio da rua. Mas mesmo assim eu estava louco para tornar a jogar com ele. O que eu não tenho é sorte! Cidadãozinho chato!... Não vender tudo eles querem. Que gente canalha! (Atende as primeiras compassões de Roberto e o Diabo, uma campela na moda, e logo uma música qualquer.) Pelo visto ninguém quer conversar comigo!

CENA IV

Entram Óssip e o criado do hotel.

CRIADO

O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KHLESTAKOV

Oh, imediatamente, como é que você vai?

CRIADO

Bem, graças a Deus!

KHLESTAKOV

E... como é que vai o hotel? Nada de novo? Vai tudo em ordem? Tudo bom?

CRIADO

Sim, graças a Deus, tudo bom.

KHLESTAKOV

Muitas hóspedes?

CRIADO

Sim, bastante.

KHLESTAKOV

Que bom!... Ótimo, meu querido. Até agora, sabe, até agora não me trouxeram o almoço. Eu queria pedir a você que me fizesse o favor de dizer para eles mandarem depressa. Porque depois do almoço eu tenho muito a que fazer, você compreende?

CRIADO

O patrão disse que não vai dar mais nada para o senhor comer. E hoje ele estava querendo ir se divertir ao governador.

KHLESTAKOV

Mas, senhor, se por quê? Você é inteligente, meu querido, e você compreende que eu preciso comer. Se eu não como, emagreço e não posso trabalhar. Eu tenho muita vontade de comer. Estou falando sério.

CRIADO

Ea sei, mas o patrão disse: "Eu não lhe darei de comer enquanto não me pagar o que me deve!" Foi isso o que ele disse.

KHLESTAKOV

Mas você precisa fazer com que ele volte a si e raciocine. Você tem de convencê-lo.

CRIADO

O que é que o senhor quer que eu diga?

KHLESTAKOV

Que você o faça entender, uma vez por todas, que eu preciso comer. Diabrete? Diabrete é apenas diabrete, mas já é outra coisa. O seu patrão pensa que, sendo ele um campônio que pode passar uma semana sem comer, os outros podem fazer o mesmo? Não, as coisas não são assim.

CRIADO

Ea vou falar com ele. *(Saem os dois.)*

CENA V**KHLESTAKOV *(solitário)***

As coisas vão acabar por aí, se ele resolve não mandar mais. Minha tive tanta fome. Talvez fosse bom vender alguma roupa. As roupas, por exemplo. Não, não. É melhor passar fome, desde que eu chegue em casa com meu nome de São Petersburgo. Pena que o banqueiro não me alugue a carruagem. Seria fabuloso poder voltar para casa de carruagem e visitar, como um magnata, algum rico fazendeiro vizinho. Chegar diante de uma porta com as ferris novas, e Ossip sentado na balcão, de luto... maravilhoso. Ah, que maravilha! "Quem é?... Que se passa?" *(Interrompendo o larafal Estão ouvindo o larafal e dizem: "Ivan Aleksandrovitch Khlestakov, de São Petersburgo, deseja ser recebido". Essas palavras ditas provincianas aí não sabem nem os nomes o que quer dizer "deseja ser recebido". Quando algum rico fazendeiro faz uma visita, esses senhores vão se esconder no quarto. Mas, mesmo assim, a melhor coisa do mundo é aproximar-se de uma das lindas filhas que eles têm e dizer: "Senhorita, eu..." *(Far uma reverência, com ar elegante.)* Ah, Diabo!... *(Cenar.)* Tenho tanta fome que sinto até náuseas! *(Geme.)**

CENA VI

Entram Ossip e o criado.

KHLESTAKOV

E onde?

ÓSSIP

O almoço vem aí!

KHLESTAKOV *(batendo palmas de alegria e levantando-se da cama de um salto)*

O almoço! O almoço! O almoço!

CRÍADO *(fazendo pratos e um guardanapo)*

O patrão mandou avisar que esta é a última vez.

KHLESTAKOV

Seu patrão... seu patrão? Bem, que seu patrão vê por diabo que o carregue! O que é que você trouxe?

CRÍADO

Sopa e carne cozida. A da sopa.

KHLESTAKOV

Quê! Bem, só dois pratos?

CRÍADO

Só dois pratos.

KHLESTAKOV

Que absurdo! Só isso na minha mesa e sobras. Vi dizer a seu patrão que isso me parecia extremamente ridículo. É muito pouco!

CRÍADO

O meu patrão acha que é só demais.

KHLESTAKOV

E por que não veio sobremesa?

CRÍADO

Não há sobremesa.

KHLESTAKOV

Mas como não há? Quando passei pela cozinha vi que estavam preparando a sobremesa! E hoje de manhã, no restaurante, eu vi dois indivíduos balbuciantes comendo salmão e outras comidas.

CRÍADO

Bem, essas comidas existem e não existem.

KHLESTAKOV

Como não existem?

CRÍADO

Pois não existem.

KHLESTAKOV

E o salmão, os peixes, as almeidas?

CRÍADO

Isso é para as pessoas decentes.

KHLESTAKOV

Imbecil.

CRÍADO

Sim, senhor.

KHLESTAKOV

Povo.

CRÍADO

Certo.

KHLESTAKOV

Como é que se explica que eles comam e eu não. Por que é que eu não posso? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRÍADO

Claro que não.

KHLESTAKOV

Que é que são eles?

CRÍADO

Gente que paga.

KHLESTAKOV

Não vou discutir com você, senhor, infeliz. (Serve-se de sopa e come.) Que sopa é essa? Foi feita com água polvilhada? Não tem gosto nenhum e cheira mal. Não quero esta sopa. Dê-me outra.

CRÍADO

O patrão disse: "Se ele não quiser, traga de volta".

KHLESTAKOV (*afogando a vontade com as mãos*)

Bem, já que está aí mesmo. Pode ir embora, seu tolo. Está acostumado a tratar assim com os outros, mas eu sou diferente, meu irmão. Eu não o aconselho a falar assim comigo, não. (Come.) Deus do céu, que porcaria de sopa. (Continua comendo.) Eu sei que nunca ninguém conseguiu comer uma sopa igual a esta. Olhe aí, um lugar de guarda, as portas e que subalternos. De que será que morro esta galinha?! Dê-me a carne. Ossip, trouxe sopa, vá comendo. (Corta a carne.) Que carne é esta? Isso não é carne.

CRÍADO

É o que é então?

KHLESTAKOV

O que é eu não sei. Mas quero é que não é. É um machado fraco! Lágrimas, canálens! Isso é lá coisa que se dá de comer a gente honesta? Não se pode nem machucar que dê o quinho. (Pulsa os dentes com o dedo.) Bandidos. Partir sei que com madeira, não sei dos dentes, oh! Depois de comer um prato de uma a gente fica com os dentes presos. Mascaré-los. (Limpa a boca com o guardanapo.) Não há mais nada?

CRÍADO

Não.

KHLESTAKOV

Canalhas desalmados! Se pelo menos tivessem posto algum molho, um pedacinho de pastel. Vagabundos! A única coisa que sabem fazer é tirar a pele dos hóspedes. (O criado tira a mesa com dignidade e leva os pratos, em companhia de Ossip.)

CENA VII

KHLESTAKOV

Eu tenho a impressão de que não comi nada. Serviu-se para me abor e aporir. Se eu tivesse algum dinheiro mandaria comprar um phosinho no mercado. ...

ÓSSIP (*entrando*)

Eu não sei por que, mas o governador ainda não chegou. Mandou perguntar pelo senhor.

KHLESTAKOV (*impetuoso*)

Só faltava essa!... Este cadelão de boçalismo já foi me intrigar com o governador! Será que eles vão querer me prender? Bem, se eles me prenderem com decisão, eu talvez... Não, não, não quero... Eu estou dando um curso de uma semana aí, filho de um negociante. Nessa cidade moram muitos oficiais. Não, não quero. Mas o que é que ele pensa que é? Como é que ele se atreve? Está pensando que pode me tratar como se eu fosse um negociante ou um artigo qualquer? (*Enchendo-se de fúria e levantando-se*) Eu vou lá dizer com toda a coragem, sem rodeios, bem na cara: como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor...

CENA VIII

A porta se abre e Khlestakov empalidece e se encolhe. Entra o governador e se dá um. Ao seu lado, Dubochinski. Os dois olham atônitos, com as pupilas dilatadas pelo medo.

GOVERNADOR (*referindo-se do nariz e perfilando-se*)
Minhas saudações e meus melhores cumprimentos!

KHLESTAKOV
Seu senhor!

GOVERNADOR
Desculpe...

KHLESTAKOV
Não há de quê.

GOVERNADOR

Meu dever como governador dessa cidade é saber para que não sejam molestados os hóspedes desse hotel e demais pessoas respeitáveis que por aqui dão a honra de passar.

KHLESTAKOV (*começa pagando, mas por fim começa a falar com voz sonora e retundida*)

O que é... o que é que o senhor quer que eu faça? A... a culpa... a culpa não é minha. Eu juro que vou pagar! (*Dubochinski mostra a cabeça na abertura da porta*) A culpa, para ser sincero, é toda dela. Ele me dá uma curva dura como pedra. E a sogra, ninguém nunca vai desdobrar o que ele pôs dentro dela. Eu fui obrigado a pagar a sogra pela janela. Ele me mata de fome durante dias seguidos. É o chá que ele serve. Tem chá de polka! Por que que eu havia de... Ora, essa é muito boa!

GOVERNADOR (*inutilidade*)

O senhor me perdoo, mas na verdade a culpa também não é minha. A carne no meu mercado é sempre muito boa! Os comerciantes que vendem carne em nossa cidade são gente que não bebe e de ótima conduta moral. Francamente, eu não sei onde o boçalismo vai buscar essa curva poder que ele serve. E se na cidade há muita coisa de anormal, não é do meu conhecimento. Eu só peço que o senhor me permita convidá-lo a se mudar para outra residência.

KHLESTAKOV

Não, eu não quero. Eu sei muito bem o que significa essa outra residência. O senhor está se referindo à cadeia. Mas com que direito o senhor me propõe uma coisa dessas?

Como é que o senhor se atreve. Eu sou um alto funcionário de São Petersburgo. (Anunciando-se) Eu... eu... eu...

GOVERNADOR (à parte)

Mas Deus, como está nervoso! Já deve saber de tudo. Esses malditos comerciantes já lhe contaram tudo.

KHLESTAKOV (fureando-se consigo)

Meu Deus, que o senhor venha me buscar aqui com todos os seus guardas e soldados, não irrei? Vou me queimar no ministério! (Tá me atiro na rua!) Como é que se atreve? Como é que o senhor se atreve?

GOVERNADOR (profiando-se e tremendo de cabeça aos pés)

Tenho piedade, não me desgrace! Eu tenho mulher e filhos pequenos! Não faça um homem ser infeliz para o resto da vida!

KHLESTAKOV

Não, eu não quero. Onde é que já se via? E a mim, o que é que me interessa? Só porque o senhor tem mulher e filhos eu devo pagar na cadeia? Muito honro! (Rebeldemente mostra de novo a cabeça, com ar assustado, e torna a desaparecer.) Não, muito obrigado, mas não quero!

GOVERNADOR (tremendo)

Tudo isso aconteceu por incompetência! Eu juro, foi por simples incompetência! O senhor deve compreender. O salário que o governo paga não dá nem para o chá e o açúcar. Se houve rebenta foi por uma ninharia. Alguma coisa para a mesa, um cortado de pão para

se fazer uma roupa. E quanto a essas histórias de que eu mandei apalpar a viúva do subtenente, aquela que eu comecando, isso é uma calúnia! Juro por Deus! Uma calúnia. Para invenção desses desalmados que me perturbam. São tão perversos que seriam capazes de me enterrar vivo!

KHLESTAKOV

E eu com isso? Eu não tenho nada a ver com essa gente! (Meditativo) Eu não estou entendendo por que o senhor me fala desses malvados e de não sei qual viúva, de não sei qual subtenente. Que o senhor mande chamar a viúva do subtenente, está bem, eu não tenho nada a ver com isso. Mas a mim, não! Eu vou pagar. Vou pagar tudo que eu devo. Mas assim, de imediato, eu não tenho dinheiro. É justamente por isso que estou aqui, nessa hotel. Porque não tenho dinheiro!

GOVERNADOR (à parte)

Vejam só como ele é esperto. A gente fica só sem saber se é de mesmo e como começar. Rapidez! Aconteça o que acontecer, vou tentar. (Faz um sinal) Se o senhor estiver mesmo necessitado de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Mas dever é ajustar os turistas que visitam essa povoação.

KHLESTAKOV

Sim, necessário. Um empréstimo virá em boa hora. Se o senhor me emprestar o dinheiro já, eu pago a conta imediatamente. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos, até menos.

GOVERNADOR (dando-lhe o dinheiro)

Duzentos certinhos, não precisa nem contar.

KHLESTAKOV *(encolando o dinheiro)*

Agradecidíssimo. Assim que voltar para casa, mandarei pagar. Foi um imprevisto. Mas agora eu vejo que o senhor é um homem bem nascido, e tudo muda de figura.

GOVERNADOR *(à parte)*

Menos mal, menos mal. Aceitou o dinheiro. Graças a Deus! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos, daí-lhe quarententos rublos.

KHLESTAKOV *(chamando)*

Ósíp! *(Para Ósíp.)* Chama o criado! *(Ao governador e a Dobchinski.)* Por que estão de pé? Por favor, sentem-se! Sentem-se, por favor.

GOVERNADOR

Eu não temo de pé, não se preocupe!

KHLESTAKOV

Ela põe que se sentem. *(Ao governador.)* Agora eu posso ver bem a sinceridade de seu caráter e a bondade do seu coração. E eu que pensava que o senhor tinha vindo aqui só para me levar para... *(A Dobchinski.)* Senta-se.

(O governador e Dobchinski se sentam. Dobchinski aparece novamente, apertando.)

GOVERNADOR *(à parte)*

É preciso ser mais audacioso, ele quer continuar incógnito. Eu também sei fingir. Vou fazer de conta que não sei quem ele é. *(Em voz alta.)* Estivamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, em companhia aqui do parente Piotr Ivanovich Dobchinski, fazendeiro local.

quando entramos as profissões na bond, para verificar se tratavam bem os turistas. Porque eu não sou um desses governadores que não se importam com nada. Muito além do meu dever, por simples espírito crítico e de humanidade, quero que todos os mortais sejam aqui bem recebidos. E eis que, como recompensa divina, a fortuna me fez trazer uma amizade tão agradável!

KHLESTAKOV *(à parte)*

Também eu estou muito contente. Se não fosse o senhor eu ia acabar ficando nesta cidadezinha o resto da vida. Francamente, eu não sabia o que fazer para pagar minha conta.

GOVERNADOR *(à parte)*

Sei, sei. Vem com essa, vem! *(Em voz alta.)* Se não for demandada inscrição, poderia perguntar para onde se dirige?

KHLESTAKOV

Vou à província de Saratov, onde minha família tem uma fazenda.

GOVERNADOR *(à parte, com ar insidioso)*

Província de Saratov? E não fica vermelho com a mentira! Com esse é preciso tomar muito cuidado! *(Em voz alta.)* Que deixa láfia? Suponho que o senhor viaje apenas para se divertir, não é verdade?

KHLESTAKOV

Não. Meu pai mandou me chamar. O velho está um tanto doente porque até agora não conseguiu muito na administração pública lá em São Petersburgo. Ele pre-

sava que assim que eu pisasse os pés na capital eles me pendurariam numa madeira no pólo!... Minha vontade é que ele fosse fazer uma peregrinação pelas repartições do governo para ver o que é bom!

GOVERNADOR (à parte)

Mas que histórias ele inventa. Assim um velho pai já entrou na dança. (Em voz alta) E o senhor ficará fora durante muito tempo?

KHLESTAKOV

Francamente, não sei. Meu pai é todo o trimestre. É um velho danoso. Assim que eu chegar em casa vou dizer logo para ele: não posso viver longe de São Petersburgo!! E, para falar sério, como é que eu vou estragar minha vida vivendo no meio desses ramponeiros? Agora, tenho outras necessidades espirituais. Minha alma tem sede de saber!

GOVERNADOR (à parte)

Ele é formalísta, viva, morto, mas não cai! Eu o obrigarei a soltar a língua! (Em voz alta) A sua observação é muito exata. Não é possível fazer nada nem sólido. Este povoado, por exemplo. Passa a noite trabalhando para o bem da pátria. Sacrifica-se sem repesar esforços. Mas o meu prêmio, quando virá? (Passa os olhos pelo quarto.) Este quarto é um pouco úmido, não é?

KHLESTAKOV

Diretíste! Se fosse só a umidade não era nada, mas sem porcojeos como nunca vi na vida. Mordeus como eles!

GOVERNADOR

É incrível! Um turista tão culto, ser obrigado a sofrer tais desgraças. E por culpa de quem? Por culpa desses miseráveis porcojeos que nem deviam ter nascido. Eu tenho a impressão que aqui nem ao menos há lei, não é verdade?

KHLESTAKOV

Escarlatina, escarlatina! O hospital já se habituou a não mandar velas. As vezes eu tenho vontade de fazer alguma coisa, ler, por exemplo. Ou então, a fantasia quer criar, mas a escarlatina é tão grande!...

GOVERNADOR

Se eu tivesse a vontade de lhe pedir... Mas não, não sou digno de tanta honra!

KHLESTAKOV

Mas a qual o senhor se refere?

GOVERNADOR

Não, não. Eu não mereço, não sou digno...

KHLESTAKOV

Sol, mas fale assim mesmo!

GOVERNADOR

Se eu tivesse o atrevimento... Em minha casa eu lhe poderia oferecer um formoso quarto, com muita luz, tranqüilo. Mas não. Eu compreendo que seria uma honra demasiada. Não se aborrega pelo amor de Deus. Se eu souvi é porque sou todo coração!...

KHLESTAKOV

Mas, por que não? Eu tenho imensas posses. Claro que eu

me sentiri mais à vontade em qualquer casa particular do que na portaria desse hotel.

GOVERNADOR

Que alegria o senhor me dá! E nem quero imaginar a satisfação da minha mulher! Esse é um velho costume meu. Sou hospitaleiro desde criança. Sobretudo quando a hóspede é uma pessoa culta. Não pensa que falo para lisonjear-la, não tenho esse vício. O que digo é de todo a coração.

KHLESTAKOV

Muito obrigado. A mim também não agradam os hipócritas. Gosto muito de sua franqueza e de sua bondade e confesso que isso basta. A fidelidade e o respeito. O respeito e a fidelidade.

CENA IX

Entra o criado, acompanhado por Ôsip.

CRIADO

O senhor chamou?

KHLESTAKOV

Chamé. Traga a conta.

CRIADO

Já trouxe.

KHLESTAKOV

Não me lembre das suas contas estúpidas. Pule. Quanto é que eu devo?

CRIADO

O senhor pediu almoço logo no dia de sua chegada. No dia seguinte contou salada, e desde então nunca mais pagou coisa alguma.

KHLESTAKOV

Imbecil! Agora é que lhe deu esse vontade de ficar falando câlculas? Quanto é que eu devo no total?

GOVERNADOR

Não se preocupe, isso pode esperar. *(Ao criado.)* Vá embora que o dinheiro já vem.

KHLESTAKOV

Também pode ser assim. *(Quando o dinheiro. O criado sai. Rodchenko aparece à porta.)*

CENA X

O governador, Khlestakov e Rodchenko.

GOVERNADOR

O senhor não gostaria de visitar agora alguns estabelecimentos da nossa cidade? O hospital, por exemplo?

KHLESTAKOV

Mas, pra quê?

GOVERNADOR

Bem, para ver como administramos a coisa pública. A ordem que reina aqui.

KHLESTAKOV

Bem, com muito gosto. Estou à sua disposição. *(Bolschinski corre a massar a cabeça.)*

GOVERNADOR

E depois, se desejat, podemos visitar a escola, para ver como educamos a mocidade.

KHLESTAKOV

Como não, como não?

GOVERNADOR

Depois, visitaremos a prisão e o senhor verá como vivem os presos.

KHLESTAKOV

A prisão? Não, pra quê? Prefiro o hospital . . .

GOVERNADOR

Como quiser. Prefiro viajar na sua carruagem ou vir comigo no meu carro?

KHLESTAKOV

Prefiro viajar com o senhor.

GOVERNADOR *(a Bolschinski)*

Bem, Piotr Ivanovitch, não sobrou lugar para o senhor.

BOLCHINSKI

Não tem importância, eu vou assim mesmo.

GOVERNADOR *(sem voz baixa, a Bolschinski)*

E agora, vá correndo com a vida e a alma e leve essas duas

cartas. Uma a Zaslavskia, no hospital e a outra à minha mulher. *(A Khlestadov)* Porra, pode sua permissão para, na sua presença, escrever duas linhas à minha esposa, a fim de que tome todas as providências para receber um tão respeitável hóspede?

KHLESTAKOV

Não se preocupe! Mas, se o senhor quiser . . . Aquel há tinta, mas papel é que não sei. Pode usar esta carta.

GOVERNADOR

É, vou escrever aqui mesmo. *(Escreve e, enquanto isso, dir para si mesmo)* Depois de um bom jantar e de uma boa gargalhada de vinho, tudo vai melhorar. Tenho um caso um pouco mais sério que parece fino, mas é muito enganador. É capaz de derrubar até um ministro. É preciso que eu descubra o que ele é e o que deve fazer. *(Terminando a carta, entrega-a a Bolschinski, que se dispõe a sair, mas, neste instante, a porta se despende das dobradiças e Bolschinski, que corre o tempo todo evitando de cair de lado, se exporramo sobre ela, no chão. Todos profiram exclamações. Bolschinski se levanta.)*

KHLESTAKOV

O senhor não se machucou em nenhum lugar?

BOLCHINSKI

Não, não; em absoluto, só machuquei um pouquinho o nariz. Vou procurar o doutor Christian, mandarei pôr um emplastro, não há de ser nada. Ele tem uns emplastros maravilhosos que curam com incrível rapidez!

GOVERNADOR *(sem um gesto de reprovação a Bolschinski, dir a Khlestadov)*

ATO III

CENA I

O mesmo cenário do primeiro ato. Anna Andreievna e Maria Antonovna estão junto à janela.

ANNA

É mais de uma hora que estamos esperando. E parece que foi você que com essa sua malícia vaiada nos fez ficar sem saber de nada. Quer charanga! Não passa ninguém. Parece que todo mundo morreu!

MARIA

Eu lhe asseguro, milzineta, que dentro de dois minutos vamos ficar sabendo de tudo. Ardeita deve chegar a qualquer momento. *(Olha pela janela e grita.)* Ai, milzineta, milzineta! Vem vindo alguém na rua!

ANNA

Onde, onde está? Você sempre com suas fantasias. Ah, não, não! Vem alguém sim. Quem será? Boiúba... de fraque... quem será? Como me aborrece não saber! Quem será?

MARIA

Dobashinski, milzineta!

ANNA

Imagine se é Dobashinski! Você sempre exagera aquilo

que não vê. Não é Dobtchinski nem ninguém parecido.
(Atrazando o tempo.) Ei, ouça! Aqui! Depressa!

MARIA

É Dobtchinski sim, e lá vai ela!

ANNA

Ah, é Dobtchinski sim, agora vejo. Mas pra que tanta discussão? (Gras pela janela.) Depressa, depressa! Ande mais rápido! Bom... onde estão eles? Hein? Mas pra que saber, fale daí mesmo, tanto faz. Hein? O forasteiro é muito bravo, é? Hein? E meu marido?... Meu marido?... (Afastando-se da janela, aborrecida.) Que imbecil, não vai contar nada enquanto não chegar aqui!

CENA II

Entra Dobtchinski.

ANNA

Vamos, agora conte, faça o favor! Que vergonha! E eu que confiana no senhor como um homem decente! Mas, de repente, todos desapareceram e o senhor com eles. E eu só agora sem saber o que está acontecendo! Não sem vergonha? Sua madrinha dos meus dois filhos e veja só como se comporta consigo!

DOBTCHINSKI

Por Deus, comadre, corri tanto para apresentar-lhe meus respeito que estou sem fôlego!... Uff! Como está, Maria Antonovna?

MARIA

Bom dia, Piotr Ivanovitch!

ANNA

Bom... Que se passa? Como! Que está acontecendo?

DOBTCHINSKI

Seu marido mandou-lhe um bilheteinho.

ANNA

Está bom. Mas que tal é ele, hein? É um general?

DOBTCHINSKI

Não, não é um general. Mas vale tanto quanto um general, tal a sua educação e figura. E se comporta de maneira tão importante!

ANNA

Ah! Quer dizer que deve ser o mesmo sobre o qual escreveram a meu marido, não é?

DOBTCHINSKI

O maximiliano. Eu fui a primeira a descobrir, junto com Piotr Ivanovitch.

ANNA

Vamos, conte-me tudo isso!

DOBTCHINSKI

Graças a Deus, agora tudo vai bem. Mas, no início, a verdade é que o visitante recebeu Anton Antonovitch com certa severidade. Zangou-se, disse que no hotel tudo ia mal, que não iria à casa de Anton Antonovitch, e que

ela queria ir para a cadeia por causa dele. Mas, depois, descobrindo a inocência de Anton Antonovitch e conversando bastante com ele, mudou de idéia, e tudo ficou bem, graças a Deus! Agora foram visitar o hospital... Houve um instante em que Anton Antonovitch pareceu haver sido denunciado; eu mesmo me assustei um pouco.

ANNA

Mas por que haveria o senhor de se assustar? O senhor não é funcionário público?...

DOSTCHINSKI

Ah, minha senhora!... Quando fala um homem de tanta importância, a gente sente medo.

ANNA

Bobagem!... Mas conte-me. Que aspecto tem? É moço ou velho?

DOSTCHINSKI

Moço, moço. Deve ter uns vinte e três anos. Mas fala como um velho: "Eu", disse ele, "gosto de ler e escrever, mas neste quarto não há luz".

ANNA

É o leira ou morreu?

DOSTCHINSKI

Nem uma coisa nem outra. Cabeças mais para o castelo e um par de olhos agitados que só nos confundem.

ANNA

Bom, vamos ver o que escreve o meu marido. *(Lê)*

"Aprenda-me a comunicar-te, querida, que minha situação era deplorável, mas graças à providência divina, por dois papinhos no vinagre e meia porção de caviar, um rublo e vinte e cinco copeques..." *(Interrompendo-se)* Não estando nada... o que tem a ver papinho e caviar com a providência divina?

DOSTCHINSKI

É que Anton Antonovitch escreveu o resado nas contas de uma conta de hotel. *(Ri sem jeito)*

ANNA

Ah, claro... *(Cantando lendo)* "... mas graças à providência divina, parece que tudo acabará bem. Prepara imediatamente o quarto anexo para receber Ilustre hóspede. Quanto ao almoço não se preocupe pois enviaremos algo ao hospital, com Arseny Philipovitch, mas providência para que haja bastante vinho: diga a Abdila que mande do melhor, vinho, acabarei com um arracim. Baixe-se as calças, querida, de sempre usa. Anton Antonovitch Shvornik Donikhanovski..." Ah, Deus meu! Parece andar depressa!... Ei, onde estão todos? Michka! Michka!

DOSTCHINSKI *(corre até a porta e grita)*

Michka! Michka! *(Entra o criado)*

ANNA

Corra, Michka! Vá ao armário de Abdila e... não, opere. Mandarei um bilhete para ele... *(Entra-se à mesa para escrever enquanto cantava falando)* Dê esse bilhete para Sidor, o cocheiro, diga para ele que corre e leve esse bilhete ao armário de Abdila e que vá

e vinda. E você arruma bem depressa o quarto amarelo para o hóspede. Puxa lá, como, basta o todo o mais...

DOSTCHINSKI

Bom, Anna Andreievna, eu vou correndo ao hospital para ver como anda a inspecção!

ANNA

Iam, vá, vá!... Não o prenda! (Entra Dostchinski)

CENA III

Anna Andreievna e Maria Andreievna.

ANNA

Bom, Mariushka, agora temo de não fazer muitos elogios. Esse homem vem da capital. Que Deus nos livre e quando dele saírem de nós. Você devia buscar aquele vestido azul. Fica lindo em você!

MARIA

Ah, Mariushka! O azul, não! Eu não gosto! A filha de Linhin-Tiaphin tem um vestido azul, e a filha de Zemtshina também. É melhor que eu vista o encapado!

ANNA

O encapado! O que você gosta mesmo é de me contrariar. O azul ficará muito bem em você porque eu quero vestir o cor de laranja que eu adoro!

MARIA

Ah, Mariushka! O cor de laranja não te fica bem!

ANNA

Você disse que o cor de laranja não me fica bem!

MARIA

Claro que não. Apesar o que quiser: para você é por que ter olhos bem pretos.

ANNA

Essa é boa! Que bobagem que você está dizendo? E eu, por acaso não tenho os olhos pretos? Os meus olhos do mundo!

MARIA

Diga-se que não são pretos, melancólicos!

ANNA

Bobagem, Mariushka, idiotice. Você não sabe o que está dizendo! (Entra precipitadamente com Maria. Over-se ainda na voz.)

ANNA

Il se vê uma coisa dessas? Disse que meus olhos não são pretos! Essa é muito boa!

(Quando elas se vão, aparece Mariushka que vem correndo, com a valiseira, e faz do quarto do hóspede. Pela outra porta entra Osip com uma mala na cabeça.)

CENA IV

Mariushka e Osip.

ÓSSIP

E agora, pra onde é que eu vou?

MICHEKA

Por aqui, irmão, por aqui!

ÓSSIP

Espera um instante. Deixe-me respirar! Que vida!
Quando a gente está com a barriga vazia, qualquer coisa
parece pesada!

MICHEKA

Conta pra mim, irmão, o general vem logo?

ÓSSIP

Que general?

MICHEKA

Seu patrão, ora não!

ÓSSIP

Meu patrão, general?

MICHEKA

Por que, não é general?

ÓSSIP

Quem?

MICHEKA

Seu patrão!...

ÓSSIP

Ah! sim, general de opereta ele é.

MICHEKA

Mas isso é mais ou menos que um general de verdade?

ÓSSIP

Muito.

MICHEKA

Ah, bom. Então é por isso que todo mundo aqui está
tão atarefado?

ÓSSIP

Chega aqui, meu jovem. Pelo que vejo, você é um rapaz
experiente. Prepare para mim alguma coisa de comer!

MICHEKA

Prá você, irmão, não temos nada preparado, porque é
claro que você não vai querer comer o trivial. É melhor
esperar que seu patrão se venha à mesa. Assim você come
o mesmo que ele.

ÓSSIP

E, por curiosidade, quais são os pratos típicos de que
você dispõe no momento?

MICHEKA

Aviã, sopa e torta.

ÓSSIP

Então, enquanto eu espero o almoço do patrão, pode me
trazer aviã, sopa e torta. Não se pressupe, eu como de
tudo. Bem, vamos levar a malva. Há outra saída por
aqui?

MICHA

Sim. Vamos...

(Os dois saem, levando a mala para o quarto ao lado.)

CENA V

Dois soldados abrem a porta principal. Entram Khlestakov, o governador, o director do hospital, o supervisor das escolas, Dobi-chinski e Dubostinski, este, com emplastro no nariz. O governador mostra aos soldados um papel que está no chão e ambos correm para apANHÁ-lo, empurrando-se mutuamente.

KHLESTAKOV

Que lindo hospital!... Fico satisfeíssimo que os senhores tenham adquirido o hábito de mostrar aos visitantes tudo o que vale a pena ser visto nesta cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR

Nos outros lugares, se o senhor me permite, os governadores e demais funcionários só pensam em ganhar dinheiro às custas do erário público. Aqui é o contrário. Só pensamos em merecer a atenção de nossas superiores, pelo nosso labor, trabalho e abnegação!

KHLESTAKOV

O almoço foi excelente. Comi até encher a barriga. Aqui todos os dias se come assim?

GOVERNADOR

O almoço foi preparado ex professo para tão grande visitante.

KHLESTAKOV

Quero confessar-lhes uma coisa. Eu gosto de comer. Afinal é para isso que se vive! para colher todas as flores no jardim do prazer. Como é que se chama mesmo aquela polka?

ARTÉMY *(apressando-se correndo e fazendo uma reverência)*

Bacchan.

KHLESTAKOV

Bacchan! É muito saboroso! E onde foi que nós almoçamos? No hospital, não foi?

ARTÉMY

Foi lá, sim.

KHLESTAKOV

Ah, agora me lembro, tinha uma porção de camas. E os doentes, onde estavam? Tive a impressão que havia uma catreda de doentes. Que é que houve, eles se curaram?

ARTÉMY

Ficaram um dia no máximo. Os outros todos já se recuperaram. Aqui é assim. Desde que eu fui nomeado para o cargo de director do hospital — e sei que isso pode parecer incrível — todos os doentes se curam, sem deixar a fechar as olhos, como monjas. Mal o paciente tem tempo

de entrar no hospital, e já está curado. E isso não se deve tanto aos remédios, mas sim à honra e à austeridade com que se dirige esse estabelecimento.

GOVERNADOR

Eis aí lhe posso dizer que os deveres de um governador dão uma enorme dor de cabeça. São tantas coisas para resolver!... Limpieza pública, conservação das ruas, momentos do funcionalismo. Numa palavra, o homem mais inteligente se veria em galpas de areia. Mas, graças a Deus, tudo vai bem. Um outro governador, naturalmente só pensaria no seu bem-estar. Mas eu não. Mesmo dormindo, meu pensamento está com o povo. Sonho com o povo todas as noites. E sempre me pergunto: "Meu Deus, como poderei fazer para que meus chefes e superiores vejam toda a minha arte e fiquem satisfeitos comigo?" Evidentemente, não sei se sei algo permitido pela minha dedicação. Isso é uma coisa que depende deles. Mas, pelo menos, viverei em paz com a minha consciência; se na cidade reina a ordem e a tranqüilidade, se os ruas estão bem varridas, se os presos estão devidamente encarcerados e vivem contentes, se os bêbados não porcos, que mais posso eu desjar? Não quero honrarias, embora honrarias aduam, porque dizem da virtude que não passam de corrupção e vaidades!

ARTÉMY (à parte)

Deus o favoreça com a dom da eloquência. Mas ele só a usa para falar bem de si mesmo.

KHLESTAKOV

Eis lá veres também gosto de ficar meditando e chego a escrever em prosa, faço até mesmo versinhos.

BORTCHINSKI (a Dobrodubskij)

Eis aí, Piotr Ivanovitch, vá fazer algumas observações que... logo se vê, é um homem culto.

KHLESTAKOV (para o governador)

Eu queria perguntar uma coisa. Os senhores não têm por aqui algum passatempo? Por exemplo, reunidos sociais onde possam jogar cartas?

GOVERNADOR (à parte)

Is não onde é que você quer chegar, querido. (Em voz alta) Livre nos Deus e guarde! Aqui, nesta cidade, nunca sequer os/imos falar em semelhantes reuniões sociais. Eu, de minha parte, durante toda a minha vida, juntei paz ao milio em uma carta. Não quando nada disso e nem sei como se joga. Nunca pude olhar um baralho com indiferença. E, se por uma casualidade, se chega a ver um rei-de-topas, um ás-de-paus, um valeto, ou outra carta qualquer, sinto vênimas. Certa vez, para divertir as crianças, fiz um canção de cartas. Pois bem, durante toda a noite sonhei com essas figuras malignas. Ao inferno com todos os baralhos! Como é possível perder duas mãos e não tempo tão precioso!

LUKA (à parte)

E esse seu vergonha entrou em garbom com rublos.

GOVERNADOR

Prefiro dedicar todo meu tempo ao serviço da pátria!

KHLESTAKOV

O senhor está exagerando. Tudo isso é relativo. Se, por exemplo, estou jogando e me falta uma carta para com-

plena uma câmara, então naturalmente... para falar francamente, sei que um joguinho de vez em quando não vai nada mal!

CENA VI

Os mesmos, Anna Andreievna e Maria Antonovna.

GOVERNADOR

Bom... *(Entram Anna Andreievna e Maria Antonovna.)* Como a liberdade de se apresentar minha família. Minha esposa e minha filha...

KHLESTAKOV *(com uma reverência)*

Quão feliz estou, minha senhora, por ter o prazer de vê-la!

ANNA

Senhor não, senhor, que tenho o prazer e a honra de receber em minha casa personagens tão ilustres!

KHLESTAKOV *(sentando-se)*

Absolutamente, minha senhora, é exatamente o contrário. A honra é toda minha!

ANNA

Não, não, o senhor fala assim por delicadeza. Sente-se, por favor.

KHLESTAKOV

Estar de pé ao seu lado já é uma felicidade. Que direi

quão se sente?... Sinto-me demasiadamente feliz em estar finalmente sentado ao seu lado.

ANNA

Por favor. Não me atreva a crer na que me diz! Imagine que depois de viver na metrópole, esta viagem campestre deve ter se sido muito desagradável!

KHLESTAKOV

Exceedentemente desagradável. Quando uma pessoa se habituou a viver na sociedade... comparecer reuniões... não de inesperadamente viajar numa carroça, mas nas mesmas condições iniciais sendo rodeado as trevas da ignorância, sofrer a brutalidade dos hosteiros que não compreendem que um homem precisa repouso, é abominável. Mas eis que o caso me recompensa. Estou sentado ao seu lado.

(Khlestakov está olhando Anna de alto e baixo, com a atitude dos judeus.)

ANNA

Realmente, que mais momentos deve ter passado o senhor!

KHLESTAKOV

De fato, mas sinto-me incrivelmente recompensado pelo magnífico momento que vivo agora, ao seu lado!

ANNA

Não possa acreditar, o senhor está me confundindo de honrações, eu não mereço.

KHLESTAKOV

Por que não haveria de marcar? Claro que marca, minha senhora!...

ANNA

Ea, uma provinciana?!...

KHLESTAKOV

Mas é na província que se encontram as montanhas, os rios, os arvãos marmoreantes. É claro que não se pode comparar uma cidadezinha como esta a São Petersburgo! Ah, São Petersburgo, que vida! Talvez a senhora pense que eu seja um simples escrivoário. Está enganada. O chefe de seção é meu amigo íntimo. Às vezes me dá uma palmada no ombro e fala assim: "Venha almoçar comigo, meu velho!" — Quase não aparoço na repartição. Só vou lá para dar ordens: "Faga-se isso, faça-se aquilo". E nem bem acabo de falar, todos correm a cara nos papéis. Queriam até me nomear secretário de ministro. Mas eu respondi: "Para quê? Que é isso? Deixa isso para lá, não vale a pena". — O continue com sempre atrás de mim, com uma escova na mão, e diz: "Exatidão, quero ver a honra de engraxar suas botas!" (Ao governador) Por que é que os senhores não de pit? Testam a bondade do sapato!

GOVERNADOR

Dizem de tanta hierarquia, é mais digno ficar de pé!

ARTÊM (ao mesmo tempo)

É melhor ficar de pé.

LUKA (ao mesmo tempo)

Não se preocupa.

KHLESTAKOV

Deixemos de lado a hierarquia. Eu peço que se sentem. (O governador e os demais se sentam.) Não posso de tanta cortesia. Pelo contrário, prefiro até não ser notado. Mas na minha casa, é impossível passar despercebido. Em qualquer lugar que eu vá sou sempre visto: "Olha quem está aí! Ivan Aleksandrovitch!" Uma vez até me confundiram com o marcial. E os soldados vieram comendo dos quartos para me apresentar armas. Mais tarde o comandante, que é muito meu amigo, explicou tudo: "Pois é, meu irmão, não confundimos você com o marcial!"

ANNA

Não me diga!

KHLESTAKOV

E tem mais. Eu também costumo muitas vezes ler. Já escrevi até alguns romancinhos. Você compreendem, não é? Eu me encontro freqüentemente com os literatos. Sou amigo pessoal de Pushkin. Às vezes eu digo a ele: "Como é, Pushkinzinho, meu irmão?" — E ele me responde: "Estamos aí, vamos levando". É um indivíduo muito original.

ANNA

Erika, o senhor também escreve. Como deve ser agradável! Certamente o senhor publica os seus artigos nas revistas!

KHLESTAKOV

Freqüentemente. Já escrevi muita coisa boa: *Boas de Figueira, Fada, Tartarô*, já nem me lembro mais direito.

Foi tudo obra da acção. Eu nem tinha vontade de escrever, mas a direcção artística do teatro me dizia: "Por favor, imbecilidade, escreva alguma coisa pra gente". — Eu não ou punha: "Vamos dar uma alegriazinha pra eles". E numa noite, escrevi tudo. Eles evidentemente ficaram impressionados. Minha agulhada mental é maravilhosa. Tudo que foi publicado com o pseudónimo de Voltaire, é *apenas para si próprio*. . . meu! . . . *Cândida*, *Helôisa*. Numa noite, escrevi isso tudo!

ANNA

Ah, então Voltaire é o senhor?

KHLESTAKOV

Claro! Além disso eu corrigi os livros dos outros todos. Diderot, por exemplo, me paga quarenta mil rublos por volume.

ANNA

E por acaso *Romeu e Julieta* é também uma obra sua?

KHLESTAKOV

Esta obra é a mais conhecida!

ANNA

Foi o que eu imaginei!

MARIA

Mim, minha, todo mundo diz que *Romeu e Julieta* foi escrita por Shakespeare.

ANNA

Eu tinha certeza que você iria me contradizer!

KHLESTAKOV

Bom, ambas têm razão. Há um segundo *Romeu e Julieta* que foi de fato escrito por Shakespeare, mas eu também escrevi o meu.

ANNA

Eu li o seu! Por sinal, muito bem escrito.

KHLESTAKOV

Eu confesso. Eu vivo da literatura. Minha casa é a melhor de São Petersburgo. É muito conhecida. Lá só se fala da casa de Ivan Aleksandrovitch. (*Refundando-se para os auses*) Façam-me o favor, senhores. Quando forem a São Petersburgo, não deixem de me visitar. De vez em quando eu dou um baile. . .

ANNA

Sapombo que são bailes virtuosos e de muito bom gosto!

KHLESTAKOV

Nem precisa imaginar. Só para dar um exemplo, os melhores que eu já vi foram realizados rublos cada um. A noite vem directamente de Paris. Levanta-se a tempo e só um odor terno vinda. Todos os dias eu vou a bailes. Formamos um quinteto para jogar cartas. O ministro das Relações Exteriores, o embaixador francês, o embaixador inglês, o embaixador alemão e eu. As regras a gente só se cansa de tanto jogar. Quando volto para casa, tobo os quatro amigos e mal tenho forças de dizer para a cozinheira: "Separa meu copão, Maria". Mas não! Que besteira estou dizendo! Eu moro no primeiro andar. Tenho uma grande biblioteca que só isso me distrai. . . É muito curioso observar a minha antecâmara

pouco antes de eu me levantar. Condes, depois, barões se empurram e também correm um exame de abelhas... De vez em quando aparece um ministro. (O governador e os outros intimidados se levantam.) Quando me mandam uma encomenda, eu subscrito eles escrevem: "Para Sua Excelência". Uma vez foi até chefe de repartição e logo o director-geral foi embora... e não se sabe para onde. Naturalmente, começo-se a falar sem possível submissão. Muitos generais tentaram ocupar sua carga. Mas tiveram de desistir. Era difícil demais. A tarefa parecia simples, mas na verdade era uma tarefa bem difícil. Finalmente, vendo que não havia nada mais a fazer, recueiram a mim. Conseguiram mandando uma legião de conselheiros, um arde de outos, um arde do outro: "Ivan Aleksandrovitch, venha dirigir a nossa repartição". Eu confesso que fiquei um pouco desorientado. Rezei-me em nome de chamber, e ia recuar quando pensei "o czar poderá ficar sabendo da minha recusa", logo seria a única nota desonrosa da minha folha de serviços. "Bem, senhora, aceite o cargo", disse eu. "assim seja. Mas comigo... muito cuidado... muito cuidado... porque eu..." E foi dito e feito, quando entreei na repartição, parecia um terremoto. Todos tremiam como folhas ao vento. (O governador e os outros tremem de terror. Khlestakov está cada vez mais amesquidado.) Comigo nada de brincadeiras! Fiz todo mundo entrar na linha. De mim todos têm medo. Até o próprio Conselho Imperial. E claro! E por que não? Eu sou assim! Não poupo ninguém. Eu digo a todo mundo: "Eu sei quem sou". Vou a todos os lugares. Visito o palácio pelo menos uma vez por dia. E logo, vou ser chamado para o minist.

(Encarrega o pouco da falta para sair de longe no chão. Mas os funcionários o seguem

sem respeito. O governador aproxima-se dele, tomando dos pés à cabeça, e faz um grande esforço para falar.)

GOVERNADOR.

Eae... Eae... Eae...

KhLESTAKOV *(rapidamente, com voz contada)*
O que foi?

GOVERNADOR.

Eae... Eae... Eae...

KhLESTAKOV *(com a mesma voz, amesquidado)*
Mas que há? Estão ficando loucos? Não estão entendendo mais nada!

GOVERNADOR.

Eae... Excelência! Vossa Excelência não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

KhLESTAKOV

Descansar? Mas que estúpido! Bem, assim seja. Assim descanso. O almoço, meus senhores, estava muito gostoso. Estou contente, contente... *(Com inflexão)* Desculha!... Desculha!... *(Sai por uma porta lateral, seguido pelo governador.)*

CENA VII

Os mesmos, menos Khlestakov e o governador.

DOBTCHINSKI *(a Dobrochinski)*

Essa sim é um homem, Piotr Ivanovitch. Aí está o que significa ser um homem. Eu nunca estive na presença de uma personalidade tão importante. Na tua opinião, qual será o poder dele?

DOBTCHINSKI

Não lhe deve faltar muito para ser um general!

DOBTCHINSKI

Pois na minha opinião, um general não lhe chega nem aos pés. Mas se é um general, será pelo menos um generalíssimo. E as coisas que ele contou do Conselho Imperial! Venha, vamos depressa contar tudo a Alexandre Fiedorovitch e a Korobkin. Assim logo, Anna Andreievna.

DOBTCHINSKI

Aí logo, comadre!

(Saem ambos.)

ARTÉMY *(a Lúcia)*

A verdade é que todos nós estamos com medo e com saudades de quê. E nem ao menos nos vestimos a rigor. O que será que vai acontecer amanhã, quando ele acordar? Se lhe der na cabeça mandar uma denúncia para São Petersburgo? *(Saem com as pensativas, as duas — Artyem e Lúcia — dizendo:)* Adoramos minha senhora!

CENA VIII

Anna Andreievna e Maria Antonovna.

ANNA

Que homem agradável!

MARIA

É um sacano!

ANNA

Que maneiras tão finas! Logo se vê que é alguém de capital! Adoro jovens assim! Adoro com verdadeira luxúria! Eu acho que ele gastou muito de mim. Isso eu pude observar. Não parava de olhar para mim.

MARIA

Ah, malcriada, era para mim que ele estava olhando!

ANNA

Por favor, querida, não diga absurdos. Isso é completamente fora de propósito.

MARIA

Eu juro que era pra mim, malcriada.

ANNA

Você não se corrige mesmo! Claro que você tem sempre de discutir comigo! Para que ele iria olhar para você?

MARIA

É verdade, malcriada, garanto que ele olhou. Quando começou a falar de literatura, olhou para mim e depois, quando estava contando como jogava cartas com os embaixadores, tornou a olhar.

ANNA

Isso, é possível que uma vez ou outra ele tenha olhado

pra você, só por desfeita! Com certeza ele pensou assim: "Bem, deixe-me olhar um pouco para ela também, estáda!"

CENA IX

Entra o Governador, na ponta dos pés.

GOVERNADOR

Pai... Pai...

ANNA

O que é?

GOVERNADOR

Ea não devia ter deixado que ele bebesse tanto. Se me-tude da que ele disse é verdade, estou perdido. E por que não haveria de ser verdade? Quando um homem bebe, diz sempre a verdade. Claro que deve ter mentido um pouco. Mas, sem mentira não pode haver uma boa conversa. Joga cartas com ministros e está no Palácio quando quer. Quanto mais penso nisso, mais o caso se minha cabeça!

ANNA

Pois ele não me intimidou com um pouco. Note eu vi simplesmente um homem do mundo, culto. As palavras não me interessam.

GOVERNADOR

Ah, você mulheres! Ela maltrata a isso basta! Pra você cada um importância. Você falou com ele como se fosse um Dobtchinoff qualquer.

ANNA

Se quer um conselho, não se preocupe. Não deve saber-mos certas coisas. . . *(Olha fixamente a filha.)*

GOVERNADOR

Pera que eu vou perder tempo falando com você? Que barbaquidade! Meu caso foi tão grande que ainda não passou. *(Abre a porta e fala para fora.)* Michka, chama os soldados Sviatov e Dierfimorda. Eles devem estar perto. *(Pouco breve.)* Estante manda eu! Se, pelo ma-nos, ele fosse um homem que se impressiona pelo aspecto respeitável, imponente, mas é magrinho, pequeninho, plá-lido. Como seria possível adivinhar quem ele é? Se eu menos fosse militar seria mais fácil reconhecer-lo pelo uniforme; mas ele vem vestindo fraca. Parece uma moça de sua sorte. E no hotel, falando daquela joia, cheio de vestidos. Cheguei a pensar que a gente nunca iria se entender. Mas finalmente se atargou de armas e bagagem. Falou até mais do que devia. Bem se vê que é um jovem!

CENA X

Entra Gasp e todos correm ao seu encon-tro, chamando-o com o dedo.

ANNA

Venha cá, meu querido!

GOVERNADOR

Pai! . . . Ele está dormindo.

ÓSSIP

Não! Ainda está se espreguiçando.

ANNA

Ouçá. Como é seu nome?

ÓSSIP

Ósip, minha senhora!

GOVERNADOR *(à mulher e à filha)*

Callem-se! Basta! *(A Ósip)* Então, meu amiguinho, como bem?

ÓSSIP

Muito bem, obrigado.

ANNA

É verdade que seu patrão recebe muitos condes e duques?

ÓSSIP *(à parte)*

Que é que eu devo responder? Se o comêda agora foi bom, depois vai ser melhor ainda! ... *(Em voz alta)* Sim, costuma receber muitos condes.

Anna e Ósip

Ósip, meu tesouro, como é elegante o seu patrão!

ANNA

Diga-me, Ósip, como é que ele...

GOVERNADOR

Chega! Chega! Com essa tagarelice toda, você o põem zorra. Que é que você acha, meu amigo?

ANNA

Qual é a paixão do seu patrão?

ÓSSIP

A paixão? Nem queria saber!

GOVERNADOR

Ah, meu Deus! Quando é que você não para com essas estúpidas perguntas? Não me deixam falar num momento de coisas concretas. Vámas, meu amigo, diga-me como é o seu patrão. Sêvero? Gosta de passar serenões?

ÓSSIP

Ele gosta de ordem. Quer que tudo esteja sempre em ordem.

GOVERNADOR

Simpatiza muito com você, meu amigo. Você deve ser um bom rapaz. Olhe...

ANNA

Ósip, o seu patrão usa uniforme?

GOVERNADOR

Basta, basta! Gráças! Precisamos falar de coisas positivas. Está em jogo a vida de um homem! *(A Ósip)* Como estava dizendo, meu amigo, simpatiza muito com você. Antes de dormir é bom que você tome outra xícara de chá. O depois de casa já está frio. Por isso pegue esse dinheiro e vá lá fora.

ÓSSIP *(pegando o dinheiro)*

Agradecidíssimo, meu senhor. Que Deus lhe dê saúde e

a sala e aos prais? O senhor acaba de ajudar a um pobre homem!

GOVERNADOR

Não foi nada! Não foi nada! Fico aí muito satisfeito. Com-me uma coisa...

ANNA

Óssip, querido, me conta, seu paião preferi alhos de que cor?

MARIA

Óssip, meu tesouro, você já reparou como o seu paião tem o nariz pequeninho?

GOVERNADOR

Mãe, pelo amor de Deus, me deixem falar com ele. Por favor, meu amigo, me responda uma coisa. O que mais agrada a seu paião, quando visita? O que mais chama a sua atenção?

ÓSSIP

Depende. Acima de tudo, ele gosta de comer bem.

GOVERNADOR

Bom?

ÓSSIP

Evidentemente, muito bom. E consigo, que não pensa de um simples servo, ele também se preocupa o que que se seja servido devidamente. As vezes visitamos alguém e logo ele me pergunta: "Óssip, deram-lhe boa comida?" E eu respondo: "Má, Excelência". Aí, ele diz: "Ah, essa gente

não presta. Lembra-me disso quando chegarmos à capital!" E aí eu penso comigo mesmo... (Recorda-se um pouco) "Eah! Que Deus os perdoe. Eu sou um homem simples..."

GOVERNADOR

Ainda é que se fala. Aquela dinheiro foi para o céu. Agora, tome mais algum para os paulistinhas!

ÓSSIP (pegando o dinheiro)

Por que se preocupa tanto, Excelência! (Guarda o dinheiro.) Vou beber à sua saúde!

ANNA

Óssip, venha cá. Eu também quero dar!

MARIA

Óssip, meu tesourinho, leve um beijo para seu paião.

(Ouvem barulho no quarto de Katerina.)

GOVERNADOR

Pela! (Fica na ponta dos pés e diz em voz baixa.) Pelo amor de Deus, não façam o menor barulho! Vão embora embora! Já chega!

ANNA

Vamos, minha filha. (Ao governador) Já foi dito que observamos certas coisas em nossa hóspedes que só podem ser comentadas entre nós mesmos...

GOVERNADOR

Isso vão comentar na outra sala. Para se entender as

mulheres a única coisa sensata é tapar os ouvidos. (A Olga) Bem, meu amigo.

CENA XI

Entram Dierjímorda e Svístanov.

GOVERNADOR

Pois!... Parecem canhas dando coices na chão. Entram como animais! Onde é que vocês estavam?

DIERJÍMORDA

Cumprindo ordens!

GOVERNADOR

Pois! (Tapa a boca do soldado.) Precisa mais deus jáis? (Tritando.) Cumprindo ordens!... Parece estar gritando com barril. (A Olga) Bem, meu amigo, cuide de seu paria. Pode pedir tudo o que for necessário. (Olga sai.) E vocês fiquem de guarda na varanda e não se mexam dali. Não deixem entrar nenhum estranho, principalmente se for comerciante. Se entrar um que seja, eu... Se alguém se aproximar com uma queixa, mesmo que não esteja escrita, mas que venha com carta de quem vai se queixar de mim, segurem-no pelo paçoço e podem bater o pau. (Grava de sacetada.) Eu sei que vocês me entendem. Pois... Pois...

(Foi na ponta dos pés e, atrás dele, os soldados.)

ATO IV

CENA I

A manhã sola, na casa do governador. Entram casualmente, quase na ponta dos pés, Ammoss Fiedorovitch, Artém Philipovitch, o chefe dos correios, Luka Lukitch, Bobichinski e Dobochinski. Os últimos trajando a rigir e os outros em uniforme de gala. Toda a cena se desenrola à meia voz.

AMMOSS FIEDOROVITCH (redes os outros em semicirculo)

Pelo amor de Deus, senhores, formemos um círculo fechado, dentro da mais polida ordem! Deus seja louvado! Esse homem vai a palácio todos os dias e discute muito à vontade com o Conselho Imperial. Teremos de comportar-nos diante dele com todo apuro, assim como militares. O senhor Piotr Ivanovitch coloque-se diante tudo e o senhor Piotr Ivanovitch do outro. (Ambos os Piotr Ivanovitch correm, na ponta dos pés.)

ARTÊM

O senhor pode dizer o que quiser, Ammoss Fiedorovitch, mas é preciso fazer alguma coisa.

AMMOSS

O que, por exemplo?

ARTÊM

O senhor sabe o que eu estou querendo dizer.

AMMOSS

Acha que devemos matar... amarrá-lo?

ARTÊM

Amarrar é uma boa palavra.

AMMOSS

É muito perigosa. Ele pode se ofender. Não se esqueça que ele é um alto funcionário. Não seria melhor oferecer dinheiro a ele como se fosse alguma subscrição da nobreza para que ele construa um monumento...

CHEFE DOS CORREIOS

Ou então a gente podia dizer assim: "Veja só o dinheiro que chegou pela correio com destino desconhecido!"

ARTÊM

Tome cuidado para que ele não mande o senhor para destino desconhecido. Escutem, o suborno, meu país civilizado, obedece a certas regras. Não é feito assim, de qualquer maneira. Por que deveríamos ir todos juntos, como um boioteiro, para suborná-lo? Temos de ir um a um. E quando ele estiverem quatro olhos prontos, põe-se-lhe na mão alguma coisa. Bem, os senhores me entendem. E a coisa deve ser feita tão facilmente que nem os quatro olhos perceberem o que se lhes está fazendo. É assim que se faz numa sociedade bem organizada! O senhor será o primeiro, Ammass Fiedorovitch.

AMMOSS

Não. É melhor o senhor. Afinal de contas, foi no seu hospital que o senhor hospedou alguém.

ARTÊM

Seria melhor ainda que fosse o senhor Luka, que poderia utilizar sua grande experiência como orientador espiritual da juventude.

LUKA

Eu não posso, meus senhores. Não posso! Confesso que recebi uma educação tão esmerada e é suficiente que me encontre na presença de um superior para que me acordar e porer imediatamente a fala. Não senhores, por favor, me desculpem, me desculpem.

ARTÊM

Então, Ammass Fiedorovitch, o senhor é insubmisso! Sua eloquência é comparável à do próprio Cícero.

AMMOSS

Nada disso! Cícero também é exagero. Se uma vez eu ouço me entusiasmo falando de assuntos semelhantes ao de um cão perseguido...

TODOS *(sacudindo)*

Não spoken! O senhor sabe falar não só de cachorros, mas também da criação do mundo. Vamos, Ammass Fiedorovitch, não nos abandone. Seja nosso pai! Vamos, Ammass Fiedorovitch!

AMMOSS

Deixem-me em paz, meus senhores!...

(Quem se passou a noite no quarto de Estrela. Todas precipitam-se para o

porta abrindo-se e empurrando-se. Férias exclamações à meia voz.)

VOZ DE BORTCHINSKI

Ai, Piotr Ivanovitch! O senhor place no meu pé!

VOZ DE ARTÊM

Largue-me, largue-me! Assim não posso respirar!

(Devem-se vêr os ais. Todos saem, empurrando-se mutuamente, e a sala fica vazia.)

CENA II

Entra Khlestakov, sozinho.

KHLESTAKOV

Pelo visto, devei como Deus manda. Onde será que esta gente foi buscar tantos transeiros e catichas? Encomi sei vontade! Tenho a impressão de que cometi me deram uma batida tão forte que sei agora me dói a cabeça. Pelo que estou vendo, aqui se pode passar o tempo agradavelmente. Como da boa vontade desta gente. E a filha do governador não é de se jogar fora. E sei mesmo a velha está tão bem conservada que eu bem podia... Fosse mais, sua vida me agrada.

CENA III

Khlestakov e o juiz.

AMMOSS *(à parte)*

Deus meu, levei-me deves transe! Meus joelhos estão tremendo. (Em voz alta, parando-se e separando o punho da espada) Tenho a honra de me apresentar: juiz do tribunal, conselheiro Liapkin-Tiaphin.

KHLESTAKOV

Tenha a bondade, senhor Liapkin-Tiaphin. Sente-se. De modo que o senhor é o juiz desta cidade?

AMMOSS

Em 1816, fui eleito para um período de seis anos em obediência à vontade da nobreza e, desde então, continuo neste cargo.

KHLESTAKOV

O que é que o senhor fazta sendo juiz?

AMMOSS

No primeiro ano de serviço, recebi a ordem de São Vladimir, da quarta categoria, com mangão honroso. (À parte) Estou com o dinheiro na mão e eis me vejo como se estivesse pagando fuga.

KHLESTAKOV

Quanto muito da ordem de São Vladimir. Já da ordem de São Ana, que é da terceira classe, eu não gosto tanto.

AMMOSS *(avançando um pouco, de mão fechada, à parte)*

Meu Deus, tenho a impressão de que estou sentado em trevas!

KHLESTAKOV

O que é que o senhor tem na mão?

AMMOSS (*intensamente, depois cair o dinheiro*)
Nada, nada.

KHLESTAKOV
Como nada? Olha o dinheiro aí no chão.

AMMOSS (*tremendo de cabeça aos pés*)
Não é verdade, não é verdade! De forma alguma! (*À parte*) Al Deus meu! Já estou me vendo preso, diante dos tribunais!

KHLESTAKOV (*pegando o dinheiro*)
É dinheiro, sim!

AMMOSS (*à parte*)
Tudo se acabou. Sou um homem perdido. Destruído!

KHLESTAKOV
Sabe de uma coisa, empreste-me esse dinheiro!

AMMOSS (*irritado*)
Como não, como não! Com muitíssima gosto, muito obrigado! (*À parte*) Coragem, coragem! Livrai-me desse transe, Virgem Maria!

KHLESTAKOV
O senhor compreende. Durante a viagem gastei mais do que eu pensava. A vida está cada vez mais cara. Assim que voltar para casa, mandarei seu dinheiro de volta. . .

AMMOSS
Por favor, não se preocupe! Para mim é uma grande honra! . . . Naturalmente eu . . . com muitos pecados for-

ças . . . meu zelo e abnegação . . . trazo de . . . lençamentos, às mãos superiores. (*Lermente se e perfila-se*) Não me atrevo a importuná-lo por mais tempo. Alguma ordem, Excelência?

KHLESTAKOV
Que ordem?

AMMOSS
Quero dizer . . . não deseja ordenar nada ao juiz local?

KHLESTAKOV
Pra quê? Atualmente não tenho problemas com a justiça. Mas, em todo caso, muito agradecido!

AMMOSS (*far uma reverência e retirar-se à parte*)
Estamos salvos, salvos!

KHLESTAKOV (*surpreso*)
O juiz é um homem bom!

CENA IV

Entra o chefe dos correios; perfila-se, segurando a espada.

CHEFE DOS CORREIOS
Tenho a honra de apresentar-me! chefe dos correios, conselheiro Chpekin, de quinta categoria!

KHLESTAKOV

Encantado em conhecê-lo. Gosto muito das pessoas agradáveis. Sente-se? O senhor vive sempre por aqui, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

Sim, senhor.

KHLESTAKOV

Gosto desta localidade. É verdade que a população não é das mais numerosas, mas... e daí? Afinal de contas, isso não é a capital. Não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

A pura verdade, meu senhor.

KHLESTAKOV

É só na capital que viva o bom tom. E não existem mais proximidades de meu gosto. Não lhe parece?

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é. (A parte) Apesar de tudo não é um homem egotístico, quer saber tudo.

KHLESTAKOV

Mas, até mesmo num porquedozeiro, pode-se viver feliz.

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é, meu senhor.

KHLESTAKOV

O que é necessário para a felicidade? Na minha opinião, é suficiente que um homem seja respeitado e sinceramente querido!

CHEFE DOS CORREIOS

É a pura verdade!

KHLESTAKOV

Muito me alegra que sua opinião coincida sempre com a minha. Naturalmente, dirão que sou um tipo original. Mas o meu caráter é assim. (Olha-o nos olhos e diz para si mesmo.) Vou pedir dinheiro emprestado a este também. (Em voz alta) Sabe que na viagem acoustou consigo um fazo incrível? Fiquei totalmente sem dinheiro. O senhor não poderia me emprestar uns tantos rublos?

CHEFE DOS CORREIOS

Como não! Eu considero isso uma grande felicidade! Disponha de mim, faça-me o favor. Entus as suas ordens, de todo o coração!

KHLESTAKOV

Muito obrigado! Confesso que, quando viajo, não gosto de me privar de nada. Para que, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é, meu senhor. (Levanta-se, perfura-se, segurando a espada.) Não me esqueça a importância mais com a minha presença. O senhor deseja fazer alguma observação sobre os correios?

KHLESTAKOV

Que ideia?! Claro que não! (O chefe dos correios faz uma reverência e sai. Khlestakov acende um charuto.) Quero crer que também o chefe dos correios é um homem accidenta. Pelo menos, sorrija. E eu gosto desse tipo de gente.

CENA V

Entra Luka, empurrado pelos outros. Ainda dele ouvem-se, claramente: "Por que essa covardia? Vá, não tenha medo".

LUKA (*aparelhando-se, tremendo, segura a espada!*)
Tinha a honra de me apresentar: deixar das rivais, conselheiro de secreta categoria, Luka Lukitch.

KHILESTAKOV
Então, tinha a bondade. Sente-se. Quer um charutinho?
(*Dá-lhe um charuto.*)

LUKA (*À parte!*)
Por que ou não esperava. Acerto ou não acerto?

KHILESTAKOV
Tome! A marca é boa. Claro que não se compara com os da capital. Lá, meu irmão, eu fumava cigarrilhas de vinte e cinco rublos cada uma. Tinha vontade de beijar as mãos depois de fumar. Tome logo... (*Luka não sabe o que fazer.*) Por quê? O senhor não fuma?

LUKA
Fumo, fumo... Mas se o senhor quiser possa largar hoje mesmo!...

KHILESTAKOV (*brindo!*)
Vamos, deixa de hesitar. (*Luka tenta acender o charuto, mas trem de cabeça aos pés.*) Acenda do outro lado...

LUKA (*desistindo, irritado, deriva o charuto para: tem um gesto de desalento e diz, à parte!*)

O diabo que me carregue! Foi vencido pela minha malícia tímida!

KHILESTAKOV
Pelo que vejo, o senhor não gosta tanto assim de fumar. Então, não comeria. É meu vício predileto! Cigarros e mulheres. Confesso que não consigo ficar indiferente diante do belo sexo. E o senhor, quais preferências, senhoras ou moças?

LUKA (*Ser absolutamente desconcertado e não sabe o que dizer!*)

Não sabe...

KHILESTAKOV
Responda com toda a franqueza, senhoras ou moças?

LUKA
Eu... eu... eu não me atrevo a saber a minha preferência opulenta!

KHILESTAKOV
Vamos, não seja tão evasivo! Faça absoluta questão de combater as suas predileções!

LUKA
Eu me permito informar a V. Excia. que em relação às senhoras... (*À parte!*) Já não sei mais o que estou dizendo...

KHLESTAKOV

Ah, não quer falar, hein? Escondendo o jogo... Vai ver alguma maneirola, por aí, hein... ah, ficou vermelha! Ah, ah! Por que não responde?

LUKA

Não, é que... Baco... a timidez... Reverendíssima, é que, Adona... Majestade!!! (À parte) Muita língua, me trala!

KHLESTAKOV

Timidez? Eu bem sei que nos meus olhos existe alguma coisa que provoca a timidez e a covardia. Falo muito, até agora, nenhuma mulher conseguiu resistir. O senhor não acha?

LUKA (trouxa de papel, quase inaudível)

Eu acho!

KHLESTAKOV

Assim como eu um imprevisto. No caminho fiquei sem nenhuma carteira. O senhor pode me emprestar algumas rublos?

LUKA (precipitadamente, procurando no bolso)

Certo que sim!... Quer dizer, como não! Claro! (Continua procurando.) Bombo arria se eu não encontrasse. Ah, meu Deus! (Não gruta) Encontrai! (Entrega-lhe a carteira, estremece)

-KHLESTAKOV

Muito agradecido.

LUKA (profundando-se e segurando a espada)

Não me atreva a importuná-lo com a minha presença.

KHLESTAKOV

Adona!

LUKA (já quase correndo e dâo à parte)

Deus seja louvado! Espero que não tenha a má ideia de visitar a escola!

CENA VI

Entra Artém, que se perfila e segura a espada.

ARTÉMY

Tenho a honra de apresentar-me: diretor do hospital local, consultador da senhora, Artém Filipovitch Zemlianski.

KHLESTAKOV

Bom dia! Faça o favor de sentar-se.

ARTÉMY

Tenho a honra de acompanhá-lo e recebê-lo pessoalmente no hospital que está sob meus cuidados.

KHLESTAKOV

Ah, eu me lembro. O senhor me ofereceu um excelente almoço!

ARTÊM

Fico feliz em fazer tudo o que posso para o bem da minha pátria!

KHLESTAKOV

É da minha parte eu lhe confesso que essa é minha debilidade. Adoro a boa comida. Por favor, diga-me uma coisa. Quem eu tive a impressão de que o senhor era um pouco mais baixo...

ARTÊM

É bem possível. (Após um silêncio) Eu não meço roupas para servir com zelo ao meu país. (Aproxima-se e diz em voz baixa) Mas o chefe dos correios é certamente o contrário. Não faz absolutamente nada. Está tudo abandonado. A correspondência demora semanas inteiras. O senhor mesmo pode tirar a prova disso. O juiz então, nem se fala. Passa o tempo todo caçando e roubando dos cachorros que ele guarda na sala do tribunal. É a sua conduta — isso eu devo confessar-lhe, embora se trate de um grande amigo meu e até parente — a sua conduta é das mais repugnantes. Aqui existe um fazendeiro chamado Dobetchinski, que ainda onera o senhor com a bondade de conhecer. Pois, mal Dobetchinski sai de casa, entra o juiz para fazer companhia à sua mulher. Isso eu posso jurar! V. Excia. tenha a bondade de observar os filhos de Dobetchinski. Nenhum deles se parece com o pai. Todos, até o caqueto, são a cara do juiz!

KHLESTAKOV

Não me diga! Sabe que isso jamais seria me passado pela cabeça?

ARTÊM

É o supervisor das escolas, certo? Como é que um homem desses pode continuar num cargo de tanta responsabilidade? É pior que um jacotino e só sabe ensinar corrupção à juventude. Se o senhor preferir, posso expor tudo isso por escrito.

KHLESTAKOV

Eu também acho melhor. Pode escrever. Quando me aborrecço, gosto de ler alguma coisa divertida. Como é mesmo seu nome? Escreva sempre.

ARTÊM

Zemlianka.

KHLESTAKOV

Ah, sim, Zemlianka. Diga-me uma coisa, Zemlianka, está parilhando, o senhor tem filhos?

ARTÊM

Cinco. Dois já estão grandinhos...

KHLESTAKOV

Não me diga! E como é que eles... como dizem...

ARTÊM

O senhor quer saber como eles se chamam?

KHLESTAKOV

Exato, como é que eles se chamam?

ARTÊM

Nicolau, Ivan, Isabel, Maria e Anastácia.

KHLESTAKOV

Bem, se não tem mil, me dê cem.

DORTCHINSKI (*procurando no bolso*)

O senhor por acaso não tem com rublos, Piotr Ivanovitch? Eu só tenho quarenta, em promissórias.

DORTCHINSKI (*consultando sua carteira*)

Ao todo tenho cinco e cinco.

DORTCHINSKI

Procura bem, Piotr Ivanovitch. Eu sei que seu bolso direito está furado. O dinheiro pode ter caído no ferro da porta.

DORTCHINSKI

Não, não. No ferro também não há nada.

KHLESTAKOV

Bem, dá na mesma. Afinal, falei por falar. Váham os sessenta e cinco rublos. Tanto faz. . . (*Paga o dinheiro*)

DORTCHINSKI

Eu me atrevo a formular um pedido sobre um assunto muito delicado.

KHLESTAKOV

O que é?

DORTCHINSKI

Sim, muito delicado. O meu filho mais velho, se o senhor me permite, nasceu antes do casamento.

KHLESTAKOV

E?

DORTCHINSKI

Quer dizer, isso é uma gravura de falar. Ele nasceu do mesmo modo como se eu estivesse casado. Legalizei depois minha situação pelos sagrados laços do matrimônio. Eu quero que esse menino seja meu filho legítimo e se chame, como eu, Dortchinski.

KHLESTAKOV

Bem, que se chame assim. Eu não vejo inconveniente nenhum.

DORTCHINSKI

Eu só lhe peço isso porque o menino é muito talentoso. Promete muito. Sabe de cor diversas poesias e, sem bem encontra um canivete, esculpe figurinhas muito interessantes, como um vendaloteiro mágico. Piotr Ivanovitch pode confirmar tudo que estou dizendo.

DORTCHINSKI

Sim. Uma criança de muito talento.

KHLESTAKOV

Está bem. Está bem. Vou me ocupar dessa matéria. Faltarei cinco com o . . . eu espero que tudo . . . quer dizer . . . (*Volando-se para Dortchinski*) É o senhor não quer pô-
-lo nada?

DORTCHINSKI

Juramento. Quero lhe fazer um pedido humilde.

KHLESTAKOV

Qual?

BORTCHINSKI

Queria lhe pedir, muito humildemente, que, quando o senhor voltar à capital do império, diga a todos os senhores, senadores e almirantes, que em tal e tal povoado vive Piotr Ivanovitch Bobtchinski. Diga exatamente assim: que aqui vive Piotr Ivanovitch Bobtchinski.

KHLESTAKOV

Perfeitamente.

BORTCHINSKI

E, se por acaso, o senhor visitar o próprio czar, não se esqueça de dizer a ele: "Majestade, em tal e tal lugar mora Piotr Ivanovitch Bobtchinski".

KHLESTAKOV

Perfeitamente.

BORTCHINSKI

Desculpe-se já o importunamos com a nossa presença.

BORTCHINSKI

Desculpe-se já o importunamos com a nossa presença.

KHLESTAKOV

Não é nada, não é nada. Tive o maior prazer.
(Acompanha os dois até a porta.)

CENA VIII

KHLESTAKOV (sozinho)

Aqui há funcionários demais. Acho que eles estão pen-

sando que eu sou uma alta autoridade. Omeio é muito possível que eu tenha contado algumas histórias de lenda. Que imbecia! Vou escrever uma carta a Triapitschkin contando as novidades. Ele é jornalista e vai dar uma bela prestação meus graças. Eh, Ósip! Traga papel e tinta. (Ósip mostra a cabeça na porta, respondendo: "Já vai?") Faltam de quem vai nas mãos de Triapitschkin. Pra fazer uma piada, não tem piedade nem do próprio pai. Mas esses funcionários são bons graças. O fato de eu terem empastado disteiras é um formoso campo de desprendimento. Vamos ver quanto eu consigo. O juiz me deu trezentos, o director das obras outros trezentos, o silexento, o xisxento, o xerxento, o xoxento, que papai mais perdurados?... oitocentos, novecientos... Caramba! Mais de mil!... Ah, meu capitão, se o encontro outra vez, você vai ver a desfeita que vou tirar!...

CENA IX

Entra Ósip, com tinta e papel.

KHLESTAKOV

Está vindo, meu espiado, como é que estou sendo visitado agora? (Começa a escrever.)

ÓSIP

É Graças a Deus. Mas, quer saber de uma coisa?

KHLESTAKOV

Qual?

ÓSIP

Vamos embora daqui, está na hora.

KHLESTAKOV *(exclamando)*

Não seja tolo. Embora por quê?

ÓSSIP

O senhor já se divertiu bastante durante dois dias. Agora chega. Não se meta mais com essa gente. Pode ser que venha por aí alguém... por Deus, Ivan Aleksandrovitch... Há cavalos formidáveis aqui... Podemos dar uma corrida...

KHLESTAKOV *(exclamando)*

Não. Estou com vontade de ficar por aqui mesmo. Vamos embora amanhã!

ÓSSIP

Mas, por que amanhã? Pelo amor de Deus, vamos já! Eu sei que eles tratam a gente com muitas honras, mas é melhor a gente ir embora. É claro que eles estão confundindo o senhor com alguém. Pelo amor de Deus, vamos! Seu pai vai ficar aborrecido com esta demora! Aqui eles podem nos dar uns cavalos de primeira!

KHLESTAKOV *(exclamando)*

Ficou bom, vá lá. Mas, antes, leve esta carta ao correio. E peça os melhores cavalos que eles tiverem. Diga aos cocheiros que se vestiram como cocheiros do imperador e cantem boas canções, receberão boas gorjetas. *(Continua exclamando.)* Já queria ver a cara de Triapitchkin arrebitando de rir...

ÓSSIP

É melhor que um criado vá levar a carta ao correio, enquanto eu fico fazendo as malas para não perder tempo...

KHLESTAKOV *(exclamando)*

Está bem, mas antes me traga uma vela.

VOZ DE ÓSSIP

Ei, escute aqui, meu irmão. Leve esta carta ao correio e dê ao chefe que lhe pagamos vela, porque é de um alto funcionário. E mande preparar para o meu paião a melhor carruagem que houver. Ainda depressa, senão ele vai ficar aborrecido. Espere um pouco que a carta ainda não está pronta. Avise também que ele não vai pagar a viagem porque tem caráter oficial, viu?!

KHLESTAKOV *(continuando a exclamar)*

É eu que me esqueci onde é que Triapitchkin está morando agora. Ele vive mudando de endereço para não pagar aluguel atrasado. Vou mandar para seu diácono entregar. Talvez acerte. *(Fecha a carta e escreve o endereço. Óssip vem a vela e some instantes depois e vem de novo.)*

VOZ DE DIERJINORDA

Onde é que você vai, barbudo? Eu já não disse que tenho ordens para não deixar ninguém entrar?

KHLESTAKOV *(dando a carta a Óssip)*

Toma, pode levar!

VOZES DOS COMERCIANTES

Sai de daqui, se precisa falar com ele! Ninguém pode impedir a minha entrada. Temos um assunto importante!

VOZ DE DIERJINORDA

Fora daqui! Ele não pode receber ninguém porque está dormindo.

(O alvoroço se aceneta.)

KHLESTAKOV

O que é isso, Ossip? Vai ver que barulho é esse.

OSSIP *(chamando pela janela)*

São os comerciantes que querem entrar. Mas o soldado não deixa! Trouxeram papéis nas mãos. E, pela vista, querem falar com o senhor.

KHLESTAKOV *(chegando perto da janela)*

Meus amigos, que querem de mim?

VOZES DOS COMERCIANTES

Queremos falar com V. Excia.! Permite-nos apresentar uma petição, paizinho!

KHLESTAKOV

Ossip, diga ao soldado para que deixe-os entrar. *(Sei Ossip, Khlestakov pega algumas prateleiras pela janela, desdobra uma delas e lê)* "A sua Honra! Excelência, o senhor Comendante das Finanças, da parte dos comerciantes Abdulla..." Dêbo que o carregam! Nem ao menos existe esse posto na administração!

CENA X

Entram comerciantes e trazem um barril de vinho e sacos de açúcar.

KHLESTAKOV

Meus amigos, que desejam de mim?

COMERCIANTES

Deixamos nos inclinar profundamente diante de Vossa Excelência!

KHLESTAKOV

E que mais?

COMERCIANTES

Não nos desampare, senhor! Estamos sofrendo vexames insuportáveis.

KHLESTAKOV

De quem?

COMERCIANTES

De quem haveria de ser? Do governador! Nunca se viu um governador como esse, paizinho! O que ele far com isso não se pode nem contar. Agarra um de nós pela barba, por exemplo, e diz: "Ah, selvagem, você vai ver uma coisa!" Juro por Deus! Se ao menos tivéssemos pecado! Mas fazemos tudo que é certo e cumprimos o nosso dever: quando ele precisa de alguma coisa para a mulher, mandamos vestidos para fazer os vestidos dela e da filha. Não lhe negamos nada. Mas tudo para ele é pouco. Quando entra em nossas lojas, leva tudo que encontra. Vê um corte de qualquer fazenda e logo diz: "Escuta, bom homem, esse pano é muito bonito. Pode levar para minha casa". E a gente faz o que ele manda!

KHLESTAKOV

Não é possível! Mas ainda ele é um grandíssimo malandro!

COMERCIANTES

É verdade. Nunca houve aqui um governador assim. Quando se sabe que ele está a caminho, a gente tem de esquecer tudo rapidamente. E não se pode dizer que ele só leva o que há de melhor. Não! Leva qualquer porcaria. Na minha loja ele pegou uma quantidade de amêndoas que há uns anos apodreciam num barril e nem mesmo os criados queriam levar. O aniversário dele cai no dia de Santa André. E nesse dia nós levamos tudo que ele precisa para a casa interior. Pode quer saber de uma coisa? Isso não é tudo. Ele jura que o dia de Santa Quatre é também dia de seu aniversário. E no dia de Santa Quatre há vamos nós, levando mais presentes para ele.

KHLESTAKOV

Mas... Esse é simplesmente um salteador de estrada!

COMERCIANTES

Claro que é! E se algum conta resistir, ele manda um regimento de soldados acabar com o coitado. Ou então manda fechar a loja. "Eu não vou te castigar com uma pena física, meu filho", diz ele, "nem vou te torturar. As leis proibem. Mas você vai ter de apertar o cinto."

KHLESTAKOV

Que miserável! Só isso basta para mandá-lo para a Sibéria!

COMERCIANTES

V. Então, pode mandá-lo para onde quiser, desde que seja para bem longe daqui! Agora, por favor, não recuse o nosso tributo sincero. Trouxemos vinho e açúcar.

KHLESTAKOV

Não. Você não se enganou. Eu não souto soborno de nenhum tipo. Mas se os senhores, por exemplo, me oferecessem um empréstimo de trezentos rublos... o assunto seria completamente diferente. Em se tratando de um empréstimo, eu posso aceitar.

COMERCIANTES

Sim, por favor, pai nosso! (Tiram o dinheiro do bolso.) Por que só trezentos? Quinhentos é melhor! Mas, com ajuda!...

KHLESTAKOV

Tratando-se de um empréstimo, não há inconveniente. Aceito os quinhentos, ou mais.

COMERCIANTE *(apresentando o dinheiro sobre uma bandeja de prata)*

E aqui também a bandeja, por favor."

KHLESTAKOV

Está bom, posso ficar com a bandeja(nha)!

COMERCIANTES *(inclinando-se diante dele)*

Então, aceita também o açúcar!

KHLESTAKOV

Não, não. Não posso aceitar soborno de nenhuma forma!

OGOP

Excelência, por que é que não aceita? Aceita sim! Deixe a viagem, tudo tem veranias! Traz pra cá o açúcar

e o vinho! Podem trazer tudo que tiver, que tudo sirva. O que é isso aí? Uma corda? Mandem pra cá a corda! Também vai servir na viagem. Se o rio da vida se quebra precisa ter uma corda para amarrar.

COMERCIANTE

Ah, faça-me essa caridade, Excelência. Se o senhor não me ajudar, não sabremos o que fazer. Só nos restará a força!

KHLESTAKOV

Fiquem tranquilos, fiquem tranquilos! Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance.

(Os comerciantes saem. Ouve-se uma voz de mulher.)

VOZ DE MULHER

Você não terá a petulância de me proibir a entrada. Vou me queixar de você a Sua Excelência. Não me empurre, bruto!

KHLESTAKOV

Quem é que está aí? *(Vai até a janela.)* Quem é tu, mulher?

VOZES DE MULHERES

Vamos pedir ajuda, porcinho! Mande esse bruto saí do caminho!

KHLESTAKOV *(pela janela)*

Que entram!

CENA XI

Entram a mulher do carpinteiro e a viúva do subtenente.

MULHER DO CARPENTEIRO *(com uma grande reverência)*

Venho pedir proteção!

VIÚVA

Ea venho pedir proteção!

KHLESTAKOV

E quem são as senhoras?

VIÚVA

Sou a viúva do subtenente Ivanov.

MULHER

Sou a mulher do carpinteiro, meu senhor, cidadã desta cidade. Fevrónia Petrovna Pochlopkina.

KHLESTAKOV

Um momento. Fale uma de cada vez. *(À mulher do carpinteiro.)* Que deseja de mim?

MULHER

Venho me queixar do governador, Excelência. Que Deus faça cair na cabeça dele todos os males do mundo. Que nunca veja filhos, nem de nem suas filhas, nem suas tias e tías, pois a primas, ele é muito miserável!

KHLESTAKOV

Mas por quê? O que foi que aconteceu?

MELNER

Ele deu ordem para que meu marido entrasse para o Exército, mesmo ele sendo a sua vez. Canalha! E a lei não permitia. Era casado!

KHLESTAKOV

Mas como é que ele fez isso?

MELNER

Faz porque quis, assim? Deus deu-lhe dar-lhe tantas chibatazadas, meu mundo e no outro! Se tiver uma tia, que todas as desgraças imagináveis aconteçam a essa tia. Se seu pai está vivo, que se acrobata ou se estrepie para sempre, maldis seja! Quem tinha de servir ao Exército era o filho do afilhado, aquele bilhudo! Mas os pais dele mandaram um bom presente para o governador e ele então ficou do olho no olho da taberneira Panteleeva. E a Panteleeva mandou para a esposa do governador três cortes de pano. E então o governador veio me visitar e disse: "Poa que é que você precisa de marido? Ele já não tem mais serventia". Essa é boa! Quem sabe se ele tem serventia ou não - sou eu! É um problema meu! Maldis seja esse canalha! E disse mais, assim: "Seu marido é um ladrão. Embora ele não tenha roubado nada ainda, tanto faz: vai acabar roubando! E eu sou que vou de aíba sendo condenado a morrer pro Exército mesmo, de qualquer maneira". E agora, como é que esse governador infame quer que eu viva sem marido! Sou uma mulher fraca! Eu só queria que toda a parentela desse canalha explodisse! E tem uma sogra, então que essa sogra...

KHLESTAKOV

Está bem, está bem... E a senhora? *(Afasta a outra.)*

MELNER *(sustado)*

Não se esqueça de mim, paisinho! Seja misericordioso!

PIÚVA

Eu vim me queimar do governador, paisinho!

KHLESTAKOV

Por quê? Vamos, fale e seja breve!

PIÚVA

Ele mandou me agitar, paisinho!

KHLESTAKOV

Como é que foi?

PIÚVA

Por culpa. Duas mulheres brigaram na feira, e quando a polícia chegou, elas já tinham ido embora. Então elas me agarraram e me deram uma surra que eu fiquei dois dias sem poder me sentar!

KHLESTAKOV

E o que é que a senhora quer que eu faça agora?

PIÚVA

Claro que não pode fazer nada. Mas pode fazer com que ele pague uma multa pelo erro cometido. Estou bem próxima.

KHLESTAKOV

Está bem, pode ir embora. Vou dar minhas ordens! *(Para Janeta apertarem olhos com pernils.)* Mas quem é que ainda está aí? *(Aproxima-se de Janeta.)* Não quero mais!

Para mim chega!... (Afastando-se da janela) Já estou farto, que diabo!... Não deixe mais ninguém entrar. *Quê!*

GOSSÉ (aproximando pela janela)

Vão todos embora! A hora não é própria. Voltam amanhã! (Abre-se a porta e aparece um indolente escoteiro, com barba de vários dias, hora inchada e com um pano amarrado no rosto; atrás dele, aparecem várias outras pessoas.) Vá embora! Vá embora! Onde é que você quer ir? (Empurra o intruso e afasta-se com ele, fechando a porta atrás de si)

CENA XII

Entra Maria Antonovna.

MARIA
Ah!

KHLESTAKOV

Por que se assustou, senhora?

MARIA

Não. Não me assusta!

KHLESTAKOV (para si, baixo)

Caramba, senhora! Fico encantado só de pensar que lá por aí um homem que... Ah! me ocorre a pergunta: onde pretenda ir?

MARIA

Não ia a lugar nenhum.

KHLESTAKOV

E por que não ia a lugar nenhum?

MARIA

Pensei que, talvez, a minha senhoria aqui.

KHLESTAKOV

Não. Eu queria saber por que é que não ia a lugar nenhum.

MARIA

Eu sei que estou incomodando. O senhor estava ocupado com assuntos importantes...

KHLESTAKOV (despreocupado)

Pois uns olhos são mais belos que os assuntos importantes! A senhoria não poderia me incomodar jamais. Pelo contrário, sei me poderia proporcionar algum prazer...

MARIA

O senhor fala como as pessoas da capital.

KHLESTAKOV

Para uma pessoa tão delicada... eu me pergunto se teria o suficiente de tentar a felicidade de alguém! Há uma cadeira. Mas não! O que a senhoria merece não é uma cadeira, mas sim um trono!

MARIA

Na verdade, eu não sei... Eu acho que deve ir embora... (Treme-se)

KHLESTAKOV

Que tempo mais formoso não!

MARIA

Os senhores da capital gastam muito de ridicularizar as moças da província...

KHLESTAKOV

Como eu gostaria de ser esse lenço, senhorita, para poder rodear esse colo tão macio...

MARIA

Eu não sei de que o senhor está falando! A que lenço o senhor se refere?... Que tempo esquisito, hehe!...

KHLESTAKOV

Os seus lábios, senhorita, são mais brancos que todos os tempos!

MARIA

Os senhores dizem sempre cada coisa!... Mas eu preferia que escrevessem uma poesia no meu álbum. Deve saber muitas da cor.

KHLESTAKOV

Para a senhorita, tudo que ordenar. Escreva! Que estilo prefere?

MARIA

Tanto faz. Que sejam lindos e originais.

KHLESTAKOV

Is! Conheço tantos!

MARIA

Escolha diga. Que poeta vai escrever para mim?

KHLESTAKOV

Eu tenho uma enormidade de poetas. Poderia escrever este, por exemplo. "Ó tu, que no infamismo te quitas, sem razão, de Deus"... Eu já escrevi muitos outros, mas agora não me lembro. E afinal isso não tem importância assim. Prefiro oferecer meu amor que, com o seu olhar... (Aproxima sua cadeira.)

MARIA

O amor!... Eu não compreendo o amor. Eu nunca soube o que é o amor! (Afasta sua cadeira.)

KHLESTAKOV (aproximando sua cadeira)

Por que a senhorita se afasta? É bem melhor conversar de perto.

MARIA (afastando de novo sua cadeira)

Por que de perto? Não no mesmo conversar de longe!

KHLESTAKOV (aproximando sua cadeira)

Por que de longe? Não no mesmo conversar de perto!

MARIA (afastando sua cadeira)

Mas por que todo isso?

KHLESTAKOV

A senhorita é que pensa que é perto. Mas pode ficar perto e imaginar que estamos longe! Como me sentiria feliz se pudesse apertá-la em meus braços!

MARIA (saltando pela janela)

Que foi isso que passou voando? Foi um corvo ou outra ave qualquer?

KHLESTAKOV (*desfendendo-lhe o ombro e esfregando depois pela janela*)

Foi um momento crítico...

MARIA (*levantando-se, indignada*)

Ah! Isso já é demasiado! Que acontecimento!

KHLESTAKOV (*forçando-a*)

Perdoe-me, senhorita!... O que fiz, fiz por amor!...

Assim é, foi por amor!

MARIA:

O senhor pensa que eu sou uma dessas provincianas...

(*Toma café*)

KHLESTAKOV (*continuando a segurá-la*)

Por amor de verdade! Só é tão somente amor!... Eu estava hesitando, Maria Antonovna, não fique atemorizada. Estou pronto a pedir perdão de joelhos. (*Cal de joelhos*) Perdão! Perdão! Você sabe que eu sou de joelhos?...

CENA XIII

Entra Anna Andreievna e vê Khlestakov de joelhos.

ANNA

Ah!... Que situação!...

KHLESTAKOV (*levantando-se*)

Dado!

ANNA (*a sua filha*)

O que significa isso, senhorita? Que procedimento é esse?

MARIA:

Misericórdia, eu...

ANNA

Sai daqui! Sai já daqui, está ouvindo? E nunca mais tenha o atrevimento de aparecer diante dos meus olhos! (*Maria sai, desfilando em lágrimas*) Perdão, senhor, mas eu confesso que fiquei surpreendida.

KHLESTAKOV (*à parte*)

E esta também me parece bastante apressada. Não sei nada mal! (*Ajustando-se outra vez*) Senhora, estou ardeando de amor, me compreende? Arde!

ANNA

Como? O senhor de joelhos? Levante-se, levante-se, por favor! O chão aqui está um pouco sujo!

KHLESTAKOV

Não! Eu quero continuar de joelhos! De joelhos! Quero saber se devo esperar a vida ou a morte!

ANNA

Mas, quero perdoar. Aí agora não compreendi a sentido de suas palavras. Se não interpreta mal, acredito que o senhor acabou de fazer uma declaração com respeito à minha filha?

KHLESTAKOV

Não. Estou apaixonado é pela senhora! Minha vida está

perdurada por um fio. Se a senhora não perdia meu amor fiel, eu não manteria mais viver neste mundo. Com o coração em chamas tenho a honra de pedir a sua mão!...

ANNA

Mas permita-me observar que... sei certo ponto... eu sou casada!

KHLESTAKOV

Pouco importa. O amor não tem fronteiras. O poeta Karanin já disse: "As leis nos condenam, vamos fugir para um país distante, nós nos encontraremos sob a sombra das cascatas..." Eu peço a sua mão!... Eu quero a sua mão.

CENA XIV

Entra Maria, correndo.

MARIA

Mundo! Papai mandou dizer... (Vendo Khlestakov de joelhos, exclama) Ah! que situação!

ANNA

Bem, e daí? O que é que você quer? Correndo sem mais, por aquela porta, correndo como uma pata escaldada? Que levandade! Bem, o que há de tão extraordinário? Que foi que aconteceu? Você parece uma menina de três anos. Quem diria que tem dezoito? Não sei quando você vai aprender a se comportar como uma menina

bem educada! Quando é que você vai descobrir o que é a dignidade e a seriedade do comportamento!

MARIA (chorando)

Mãezinha, francamente, eu não sabia!...

ANNA

Você parece que tem sempre uma corrente de ar na cabeça! Está seguindo o exemplo das fitas de Liapin-Liapin. Ninguém manda você andar com elas! São meus exemplos! E você precisa dos exemplos bons. A sua mãe, digamos que sou eu! Eu sou o exemplo que você deve imitar!

KHLESTAKOV (seguindo o riso de Maria)

Anna Andreievna, não se oponha à nossa felicidade. Dê sua bênção ao nosso amor eterno!

ANNA (suspirando)

Isso significa que o senhor está apaixonado por ela!...

KHLESTAKOV

Decida: a vida ou a morte!

ANNA

Está vendo, cretina, está vendo? Por uma porcaria como você e nosso bláspeto teve a bondade de se ajoelhar. E você está correndo como uma louca. Bem, moradia que eu dissera não! Você não é digna de tanta felicidade!

MARIA

Eu nunca mais estou correndo, mãezinha! Pátria, nunca mais!

CENA XV

Entre o governador, desolado.

GOVERNADOR

Excelência, não me desgrace! Não me desgrace!

KHLESTAKOV

Por quê?

GOVERNADOR

Os comerciantes se queixaram à V. Excia. Eu juro pela minha honra que nem metade do que eles disseram é verdade. São eles que roubam no peso e exploram o povo. A culpa minha quando disse que eu mandei castigá-los? É mentira! Juro por Deus que é mentira! Ela mesma se arreia!

KHLESTAKOV

Ela que vá para o diabo! Não estou em condições de pensar nela no momento!

GOVERNADOR

Não acredite! Não acredite! São todos as embusteiros! Nem uma criança pode acreditar neles! Todo povo sabe que eles são mentirosos! E quanto a essa história de dizer que eu sou um canalha, garanto-lhe que canalhas iguais a eles nunca se vê no povoado!

ANNA

Sabe com que honra nos distingue Ivan Alexandrovich? Podia a mãe de nossa filha!

GOVERNADOR

Fica de dizer bobagens, você perdeu o juízo, velha! Não se aborrega, Excelência! Ela nunca teve a cabeça no lugar. Só é mãe!

KHLESTAKOV

Mas é verdade. Poço a mãe de sua filha em casamento. Estou apaixonado!

GOVERNADOR

Não posso acreditar, Excelência!

ANNA

Mas se é ele mesmo que está dizendo!

KHLESTAKOV

E não estou brincando. Este amor poderá me deixar louco!

GOVERNADOR

Não me atreva a acreditar! Não mereço tanta honra!

KHLESTAKOV

Se o senhor não me dá a mão de Maria Antonovna, estou disposto a fazer qualquer loucura!

GOVERNADOR

Eu não posso acreditar, Excelência. V. Excia. está brincando comigo!

ANNA

Mas que enigma! Se todo mundo está dizendo que é verdade!

GOVERNADOR

Não acredito.

KHLESTAKOV

Dê-me a mão dela! Dê-me a mão dela! Eu estou desesperado! Eu sou capaz de tudo! Se eu der um tiro na cabeça e senhor vai ser condenado por causa disso!

GOVERNADOR

Ah, meu Deus! Eu juro que sou inocente de corpo e alma. Não se aborrece, por favor! Espelhe-se, faça o que achar melhor! Francamente, estou me sentindo mal. Não sei o que está acontecendo! Minha cabeça dá voltas! Nunca me senti assim...

ANNA

Vamos. Dê sua bênção.

(Khlestakov aproxima-se, de braços com Maria Antonovna.)

GOVERNADOR

Que Deus vai abençoar! Mas eu não tenho culpa. *(Khlestakov beija Maria e o governador olha para os dois.)* Que diabo, mas então é verdade! *(Aproxima-se dos outros.)* Eles estão se beijando! Meu Deus! Eles estão se beijando! Então ele é um noivo! Um noivo de verdade. *(Dá um grito e um pulo de alegria.)* Annon! Annon! Governador! Olha só onde chegamos!!!

CENA XVI

Os mesmos, mais Ousp.

ÓSIP

Os cavalos estão prontos.

KHLESTAKOV

Então, vamos embora!

GOVERNADOR

O senhor vai embora?

KHLESTAKOV

Eu vou-me embora.

GOVERNADOR

Mas então... quer dizer... Eu creio que foi o senhor mesmo que teve a bondade de falar com certo casamento, não é verdade?

KHLESTAKOV

Eu vou, mas volto logo. Vou passar só um dia com a filha. É uma velha muito rica. E amanhã estarei aqui de volta.

GOVERNADOR

Não tenha esperanças em fêlis reprises!

KHLESTAKOV

Ah, claro, claro! Vouto sem alho e fechar de olhos! Ades, meu amor! Não, não! As palavras exitentes não

com quem expressar meus sentimentos. Adus, meu tesouro! (Beijo a mão de Maria Antonovna.)

GOVERNADOR

E V. Excia. não precisa de nada para a viagem? Eu tenho a impressão que carota de algum dinheiro, não é assim?

KHLESTAKOV

Não, não, pra quê? (Pensa um pouco.) Quer dizer... não há nenhum inconveniente.

GOVERNADOR

E quanto deixa V. Excia.?

KHLESTAKOV

Naquela ocasião o senhor me deu duzentos rublos, quer dizer, quatrocentos e não duzentos — não quero me aproveitar de sua generosidade, de modo que, se o senhor me der agora outro tanto, ficam oitocentos juntos.

GOVERNADOR

Imediatamente. (Tira a carteira.) Parece de propalato. As cédulas são novas.

KHLESTAKOV

E...? (Pega o dinheiro e examina as cédulas, desconfiadamente.) Dizer que o dinheiro novo traz sorte nova.

GOVERNADOR

Essa, Excelência.

KHLESTAKOV

Adus, Anon. Antonovitch. Muito agradecido pela sua

hospitalidade. E quero lhe confirmar de todo coração: nunca, em nenhum lugar, nunca fui assim tão bem recebido. Adus, Anna Andrievna! Adus, querida Maria Antonovna.

(Lum todos e a casa prossegue nos bastidores.)

VOZ DE KHLESTAKOV

Adus, meu filho, Maria Antonovna!

VOZ DO GOVERNADOR

Mas, como é isso? O senhor vai viajar sem dinheiro? Eu vou mandar buscar algumas!

VOZ DE KHLESTAKOV

Não, pra quê? Bom, mas, afinal de contas... que tragam as simuladas!

VOZ DO GOVERNADOR

Avózia, vai lá dentro depressa, pegar a nossa melhor simulada, aquela azul-celoso, porra!

VOZ DO COCHEIRO

Brr... brr...

VOZ DO GOVERNADOR

Quando é que o senhor volta, Excelência?

VOZ DE KHLESTAKOV

Amanhã ou depois!

VOZ DE ÓSSIP

É essa almofada? Traga-a pra cá. E traga-me também
feno para o cavalo!

VOZ DO COCHEIRO

Brr... brr...

VOZ DE ÓSSIP

Do lado de cá! Traga mais! Agora está bom! Pode-se
viajar com mais comodidade. *(Bate na almofada.)* Sen-
te-se agora. Excelência...

VOZ DE KHLESTAKOV

Adem, Anon Amozavich!

VOZ DO GOVERNADOR

Adem, Excelência!

VOZ DAS MULHERES

Adem, Ivan Aleksandrovich!

VOZ DE KHLESTAKOV

Adem, mlerista!

VOZ DO COCHEIRO

Vamos, meus cavalinhos! Upa! Upa! Upa!

(A carruagem se afasta, com ruído.)

ATO V

CENA I

*A mesma sala. O governador, mulher e
filha.*

GOVERNADOR

Que lhe passa, Anna Andreievna? Alguma vez você se
mudou também com isso? Hein? Que coisa magnífica!
Confesso sinceramente, você não poderia nem andar
com isso! E assim, do dia para a noite, não! Com que
personalidade flutua ou vou me apresentar?

ANNA

Não seja tolo. Eu já sabia disso há muito tempo. E, se
você acha tudo assim tão estranho, é porque você é um
rústico que nunca viu gente decente.

GOVERNADOR

Ea também usa um decote, valha! Mas, pensando bem,
Anna Andreievna, agora estamos por cima. Hein? Agora
sim, vou mandar arrebanhar toda essa gente que foi se
queixar de mim. Ei, quem é que está aí? *(Entra um mol-
diado.)* Ah, é você, Ivan Karpovich? Mandei chamar to-
dos os comerciantes, meu irmão. Eles agora vão ver
como é que vão ser tratados daqui por diante. Quin-
do se de mim, não é? Malditos traidores! Eles vão ver!
Aí agora só os tratai com severidade, só isso. Mas agora
vou tratá-los com mão de ferro! Tome nota de todos os
que vieram se queixar de mim. E também o nome dos
comerciantes que redigiram as queixas. E pode dizer a to-

dei, para que fiquem sabendo. Deus enviou uma grande honra ao nosso governador. Sua filha vai se casar. Mas não com qualquer um, não. É com um deuses como existem poucos. Um homem que é capaz de fazer tudo, tudo, tudo! Anuncie a toda a cidade, para que toda gente fique sabendo! Grite por todo o povoado e mande trazer todos os senos. Afinal, o triunfo é o triunfo! (O soldado sai.) Foi assim vai o mundo, Anna Andreievna. E agora, onde é que a gente vai morar, aqui ou na capital?

ANNA

Na capital, naturalmente. Como é que a gente poderia ficar aqui?

GOVERNADOR

Se você quer na capital, que seja na capital! Mas sei que a gente podia continuar por aqui mesmo, sendo nobre de abandonar meu título de governador!

ANNA

Naturalmente. E quem é que pensa ainda nesse título?

GOVERNADOR

Porque agora, não é verdade, Anna, eu posso pretender um posto bem mais elevado. Você não acha? Ela é nobre e casou com todos os ministros. Vai a palácio quando bem entende. Usando sua influência, com algum tempo, poderá chegar a general! Você não acha, Anna Andreievna? Eu não posso chegar a ser general?

ANNA

Claro que sim, naturalmente.

GOVERNADOR

Ah, que diabo! Devo ser muito bom ser general! Euphem um galbo aqui no nosso ombro. Que tipo de patas você prefere, Anna? Vermelhas ou azuis?

ANNA

Claro que as azuis são melhores.

GOVERNADOR

Onde só que pretensão. Por que é que todo mundo quer ser general? Porque, quando um general vai a algum lugar, é sempre precedido pelos secretários e ajudantes de ordem. E gritam: "Os cavalos!" Todos têm de esperar. Todos os conselheiros de segunda e de terceira, todos os senos capitães e governadores. O general está acima de todos. Quando um deles aparece na casa do governador, o governador humildemente é obrigado a lhe fazer uma saudação. (E aí não poder mais.) É isso que me atrai.

ANNA

Você sempre pensa do que é possível. Não se esqueça que vamos ter de mudar completamente de vida. Vamos ter de mudar de amigos. Você não irá mais à casa com aqueles que gostam de cachorros. Pelo contrário, seus amigos devem ser pessoas de maneiras finas, cordes e bonitas do mundo. Mas para dizer a verdade, eu tenho medo de você. Está sempre dizendo cada palavra, coisas que não se ouvem na alta sociedade.

GOVERNADOR

E daí? Uma palavrinha não faz mal nenhum.

ANNA

Dizer palavrinhas não faz mal quando se trata de um ge-

venador. Mas na capital a vida é completamente diferente.

GOVERNADOR.

Dizem que lá eles servem um peixe tão gostoso que ninguém consegue comer sem se habar todo.

ANNA

Para você um peixe basta... Eu só vou ficar contenta quando estiver morando na melhor casa de São Petersburgo. E que esta casa seja tão perfumada que ninguém consegue entrar. E que quem já estiver lá dentro fique com as outras coisas de láprimas, assim. (Mostra os olhos.) Então sim, eu vou ser feliz!

CENA II

Entram os comerciantes.

GOVERNADOR.

Ah! Saúde, meus amiguinhos!

COMERCIANTES (fazendo uma reverência)

Não também lhe desejamos muita saúde, senhor governador.

GOVERNADOR.

Muito bom, meus queridos. Que tal, como vão os negócios? Bem, vocês vieram aqui se queimar de frio, não é? Ladrões, canalhas, embusteiros! Vieram se queimar, não é? Entraram carros de que eu iria parar na prisão, não é? Pois fiquem sabendo, seus filhos de Sataná, que eu...

ANNA

Mrs Deus, que linguagem, Anucha?

GOVERNADOR.

Bom, agora não tenho para ficar escolhendo palavras. Você sabia que o imperador, a quem você se queimava, vai se casar com minha filha, hein? Hein? Que é que você me diz agora? Você me pagou? Você não vai ver como é que vou tratá-la daqui por diante. Você não vai lábrar. Nem um a pouco! Venderam com mil rublos de pano preto ao Estado e, só porque eu dei um vinte milhas de tecido, estavam esperando o quê? Um prêmio? Se o imperador quiser de todas as suas fabricas, você não vai parar na Sibéria? E é possível ver as milhares de estufas que me dão de presente! E todos pensam que são inteligentes: "Mito homem inteligente um nobre?" E esses lábracos se esquecem de que eu sou um homem inteligente. E eles também são dependentes na minha para aprender alguma coisa de útil. E você, comerciante, por que tanta preguiça? Onde estava a ideia antes que você aprendeu a picardia. E o pouco de um comércio em quem não saber esperar e fingir. Assim mesmo de aprender a roubar o padre-nosso, você aprendeu a roubar no povo. E logo que tinham o bicho e a bodega, olham só como ficam importantes! Onde já se viu uma coisa dessas?!

COMERCIANTES (com uma reverência)

Não reconhecemos nossa culpa, Antão Antonovitch!

GOVERNADOR.

Reconhecem a culpa na acusação, não é? Espantado em delirio? Você aí? Quem ajudou você naquela fabrica...

quando você construiu a ponte e lançou na contabilidade que tinha fornecido vinte mil rublos de madeira e eram apenas com quem lhes estavam a mão amiga? Foi eu que o ajudei, sua barba de boi! Você já se esqueceu? Se eu o tivesse denunciado, era outro que iria parar na Sibéria! Que é que você diz a isso?

COMERCIANTE

Eu afirmo em Jesus Cristo que nós temos culpa, Anton Antonovitch! Foi uma tentação do diabo! Mas nunca mais nos queiramos! Pode pedir o que quiser, mas não se aborça conosco!

GOVERNADOR

Não se aborça! Agora vocês rastejam a meus pés. Por quê? Só há uma razão: eu triunfei! E se vocês, canalhas, tivessem triunfado, seriam capazes de me bater com uma acha de lenha na cabeça e me enterrar vivo!

COMERCIANTES (com profunda reverência)

Tem piedade de nós, Anton Antonovitch!

GOVERNADOR

Tem piedade! Agora é "tem piedade"! E antes, o que era? Hei! Tenho vontade de... de... (Faz um gesto.) Enfim! Que Deus se perdoe! Não sou rancoroso. Mas, daqui por diante, muito cuidado! Muito cuidado consigo. Eu não vou coar minha Silva com um sobre qualquer. Os votos de felicidade devem ser... entendem? Não me venham com bacalhau e sacos de açúcar! Bem, podem ir com Deus. (Os comerciantes saem.)

CENA III

Entram Amoss, Artém e Rastakovsky.

AMMOSS (de pérola)

Devemos acreditar no que estão dizendo, Anton Antonovitch? É verdade que o senhor teve essa extraordinária felicidade?

ARTÊM

Tenho a honra de felicitar-lo pela sua boa fortuna. Fiquei muito contente quando soube. (Aproxima-se de Anna Andreievna e lhe beija a mão.) Anna Andreievna! (Beija a mão de Maria Antonovna.) Maria Antonovna!

RASTAKOVSKY (entrando)

Felicidades, Anton Antonovitch! Que Deus lhe conceda uma longa vida e também ao jovem casal, e lhe dê uma numerosa prole de netos e bisnetos. Anna Andreievna! (Beija-lhe a mão.) Maria Antonovna! (Beija-lhe a mão.)

(Entram Lisákov, Korotkin e sua mulher.)

KOROTKIN

Tenho a honra de felicitar-lo, Anton Antonovitch! Anna Andreievna! (Beija-lhe a mão.) Maria Antonovna! (Beija-lhe a mão.)

MULHER DE KOROTKIN

Eu a felicito de todo o coração, Anna Andreievna, por esta nova felicidade!

Deus" — pensou. "Anna Andreievna esperava realmente fazer um bom partido para sua filha? E o destino não fazia outra coisa senão preparar uma coincidência?" E ele sentiu tão contente, jurou, que nem conseguia falar! Chorei, chorei tanto que aquele já não era mais chorar. Eram soluços. Chorei tanto que meu marido me perguntou: "Por que é que você está chorando assim, Anastácia?" E eu respondi: "Não sei, querida. Nem eu mesma sei. As lágrimas caíram em meus olhos como em rio em sua fonte!"

GOVERNADOR

Por favor, vamos todos nos sentar! Michka, traga mais cadeiras!

CENA VI

Sentam-se os visitantes. Entram o chefe de polícia e os soldados.

CHEFE DE POLÍCIA

Tenho a honra de felicitar a V. Excia. e desejar que seja feliz por muitas e muitas horas!

GOVERNADOR

Obrigado! Obrigado! Queriam sentar-se, senhores! (Todos se sentam.)

AMIGOS

Mas onde, Anson Antonovitch, conta-nos como aconteceu tudo isso? Vamos lá! Como se desenvolveu o assunto?

GOVERNADOR

Pois foi uma coisa muito triste. Sua Excelência dignou-se fazer o pedido pessoalmente.

ANNA

Muito espantosamente e da forma mais fina que se possa imaginar! Falou muito bonito. Disse: "Ea, Anna Andreievna, faço tudo isso em honra a vossos filhos". Ah, que homem magnífico, educado, culto e de sólidos princípios morais! "Para mim", disse ainda, "creio eu, Anna Andreievna, a vida não tem a mínima importância: faço isso apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes!"

MARIA

Não, senhorita, foi a mim que ele disse isso!

ANNA

Cale a boca. Você não sabe nada e só se mete no que não lhe diz respeito! "Estou perturbado, Anna Andreievna", falou de uma maneira tão hesitante! E quando eu lhe quis dizer: "Não, Ivan Aleksandrovitch, não nos arrependemos de fazer alguma a respeito como houve honra", ele de repente se atirou de joelhos no chão e disse de uma forma indescritivelmente cavalheiresca: "Não faça a minha desgraça, Anna Andreievna! Corresponda a meus sentimentos, porque, de contrário,erei fim à minha vida".

MARIA

Garanto, senhorita, que isso ele disse para mim!

ANNA

Sim, claro... evidentemente... ele disse também a você, não sabe.

GOVERNADOR

Você procuraram ver como ele nos avisou? Ameaça matá-lo: "Eu darei um tiro na cabeça! Um tiro na cabeça!" — disse.

VOZES

Não diga!

AMMOSS

Inquietos!

LUKA

É. Mas o destino é o destino!

ARTÊM

Não, meu amigo, não foi o destino. Foi o mérito. Foi o mérito. (À parte) A sorte sempre há de perseguir um pouco como isso.

AMMOSS

Se quiser, você dispõe a vender-lhe aquele perdigueiro que o senhor tinha queria.

GOVERNADOR

Não, não. Agora não posso mais me preocupar com perdigueiros.

AMMOSS

Como quiser. Ou talvez possamos entrar em acordo sobre um casamento de outra raça.

MULHER DE KOROSKIN

Como estou contente com sua felicidade, Anna Andreievna! Nem pode imaginar!...

KOROSKIN

Mas, se me permitem a pergunta, onde está o seu filho-pode? Oví dizer que ele partiu.

GOVERNADOR

Realmente. Tive de se ausentar por um dia, para tratar de um assunto importante.

ANNA

Foi visitar a tia para pedir a bênção.

GOVERNADOR

Sim, para pedir a bênção, mas amaldiçoado... (Espera e se ouço exclamações em russo ao barulhar geral. "Deus o abençoe", etc.) Muito obrigado... mas amaldiçoado mesmo ainda de volta a... (Espera novamente; aborço e exclamações. Descuram-se vários instantes.)

CHEFE DE POLÍCIA

Desajustes de muita saúde. Excelência!

BORTCHINSKI

Com anos de vida e uma pirâmide de rubias de ouro!

BORTCHINSKI

Deus o creie!

ARTÊM (à parte)

Que te arrebataram!

MULHER DE KOROKIN (à parte)
O diabo que te carregue!

GOVERNADOR
Obrigado. Desaje-lhe o mesmo!

ANNA
Estamos pensando em mudar para São Petersburgo. Para dizer a verdade, aqui se respira um ar por demais provinciano... Muito desagradável, confesso. Além disso meu marido será promovido a general.

GOVERNADOR
Ah, sim, meus senhores. Digo-o com toda a franqueza. Gostaria muito de ser general.

LUKA
Deus queira que consiga.

RASTAKOVSKI
O homem não, Deus dispõe!

AMMOSS
Para um grande barão, grandes travessias.

ARTÊM
A César o que é de César!

AMMOSS (à parte)
Imaginem só se ele consegue mesmo chegar a general. Já está um homem a quem o diabo assentaria tão bom quanto uma sela numa vaca!

ARTÊM (à parte)
Diabo! Esse aí já quer ser general! E sabe-se lá!...
Pois não lhe falta. Quer vá para o inferno! (Ao governador) Veja lá, Annon Antonovitch, quando chegar a general não vá se esquecer da gente, não?

AMMOSS
E, se a pena precisar de alguma preceçãozinha legal, não nos abandone!

KOROKIN
No ano que vem vou levar meu filho à capital para que ele fique a serviço do Estado. Tenho a certeza de que o melhor será para ele um verdadeiro pai!

GOVERNADOR
Não duvide! Não duvide! De minha parte estou pronto a fazer sempre o humanamente possível para o bem de meu povo.

ANNA
Você está sempre disposto a prometer. Em primeiro lugar, você não vai ter nem tempo de pensar nisso. Como é possível fazer esse tipo de promessas? E além disso, para quê?

GOVERNADOR
Por que não, querida? As vezes pode-se ajudar um pouco!

ANNA
Naturalmente que pode. Mas não veja por que você haveria de proteger qualquer pessoa insignificante.

MULHER DE KOROKKAN

Está sendo como ela nos trata?

UMA VISITANTE

Ela conhece essa velha. Ela sempre foi assim. Mostraram um dedo, ela angula a mão.

CENA VII

Entre o chefe dos correios, desalentado, escrevendo uma carta aberta ao público.

CHEFE DOS CORREIOS

Um caso surpreendente, senhores! O funcionário que todos nós parabenizamos que fez um inspetor não é um inspetor!

TODOS

Como não é o inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS

Não de longe. Esta carta revela tudo.

GOVERNADOR

O quê? O que é que está escrito aí? Que carta é essa?

CHEFE DOS CORREIOS

Uma carta dele próprio. Chegou na agência dos correios e eu li o remetente: Ivan Aleksandrovitch Khokhlov. Fiquei perificado de modo. Eu logo pensei que ele deveria descobrir alguma coisa errada nos correios e queria avisar o meu chefe. Foi só por isso que eu abri a carta.

GOVERNADOR

Como é que o senhor foi fazer uma coisa dessas?!

CHEFE DOS CORREIOS

Eu mesmo não sei dizer. Senti como se uma força sobrenatural se apoderasse de mim. E uma voz dizia: "Abra a carta, abra!" E estava quase mandando a carta ao destinatário quando senti uma curiosidade tão grande que não resisti. Então entrei e eu disse ao enviado: "Não abra essa carta. Ela é a tua ruína!" E o primeiro destinatário continuou murmurando: "Abra, abra, abra!" Quando eu abri, senti o sangue pegando fogo em minhas veias. E uma fibra gelada. Eu juro que era gelada. Milhões de olhos estavam olhando e todo se emborcou na minha frente.

GOVERNADOR

Mas como é que o senhor teve a coragem de abrir a carta de uma autoridade tão elevada?

CHEFE DOS CORREIOS

Essa é a questão. Não é nem elevada, nem é autoridade.

GOVERNADOR

Então o que é que ele é?

CHEFE DOS CORREIOS

Não sabe nem cheira. Nem o diabo sabe quem ele é.

GOVERNADOR

Como "nem sabe nem cheira" e dizer que nem o diabo sabe quem ele é?! Eu vou mandar o senhor para a cadeia!

GOVERNADOR

Mas, que diabo! Para que repetir? Todo mundo já sabe, não é?

CHEFE DOS CORREIOS *(segue lendo)*

Hum... hum... hum... "Mais incrível do que um capão na engorda. O chefe dos correios também é um bom homem..." *(Parando de ler)* Bom, aqui vêm umas expressões inconsequentes a meu respeito...

GOVERNADOR

Ah, não! Leia!

CHEFE DOS CORREIOS

Mas, para quê?

GOVERNADOR

Não, senhor! Que diabo é isso! Já que está lendo, leia tudo!

ARTÊM

Permita-me, Sr. leio. *(Põe os dedos a ler)* "O chefe dos correios é idêntico a Mikhaïl, condeúdo da nossa repartição. Deve ser também o mesmo político e bilhudo."

CHEFE DOS CORREIOS

Não pinta de um rapazado materialado que deveria levar uma carta, eis tudo!

ARTÊM *(lendo)*

... "O diretor do hospital..." *(Interrompe-se)*

KOROKIN

Por que parar?

ARTÊM

Não encando bem a letra... além disso vi-se logo que é um miserável!

KOROKIN

Deixe ver! Acho que a minha vista é melhor que a sua! *(Quer pegar a carta.)*

ARTÊM *(prezando)*

Não, não, podemos palar essa pedação. O que vem a seguir já se entende.

KOROKIN

Permita-me, talvez eu consiga decifrar!

ARTÊM

Mas, para quê? Eu mesmo leio. Ansepare-lhe que mais adiante lê-se com muita facilidade!

CHEFE DOS CORREIOS

Não senhor. Até agora se lêu tudo. Não vale palar pedações.

TODOS

Entregue a carta, Artém Fiodorovich! Entregue a carta! *(A Korokín)* Leia!

ARTÊM

Imediatamente. *(Entrega a carta.)* Pronto! *(Cobrir com a mão uma passagem.)* Com licença... leia desde aqui... *(Todos se aproximam.)*

CHEFE DOS CORREIOS

Leia, leia! Mas que bobagem! Leia tudo!

KOROSKIN (*finda*)

... "O diretor do hospital, um certo Zambarka, é um verdadeiro poço esbitado!"

ARTÉMY

Hum! Nem ao menos tem espírito! Um pouco enfiado?
Onde já se viu isso?

KOROSKIN (*continua lendo*)

"O supervisor das escolas fede tanto a cebola que é de dar medo!"

LUKA

Eu juro por Deus que nunca provei uma cebola!

AMMOSS (*à parte*)

Graças a Deus, não fala de mim.

KOROSKIN (*finda*)

"O juí..."

AMMOSS (*à parte*)

Ai, foi precipitada! (Em voz alta) Senhora, esta carta já está muito longa. É incrível que gente de responsabilidade perca tempo com tamanha enrolação!

LUKA

Não, não!

CHEFE DOS CORREIOS

Que é isso? Que é isso? Vamos ler, sem senhor!

ARTÉMY

Isso mesmo! Que se lê!

KOROSKIN (*continuando*)

"O juí, um tal de Liapkin-Tiapkin, é um mauvillan".... (*Interrompe-se*) Deve ser uma palavra francesa...

AMMOSS

Só o diabo sabe o que isso significa. Dou-me por contente se significar malandragem ou coisa parecida, mas talvez seja coisa bem pior.

KOROSKIN (*proseguindo*)

"No mais, todos são hospitaleiros e amáveis. Adm., meu caro Triapichkin, seguindo seu exemplo, resolvi decidir a memorar pela literatura. É muito monótona a vida assim. A alma também precisa ser alimentada. Desejável que realmente é necessário preocupar-se com as coisas superiores. Escrevi-me, estarei na presença de Sarkov, na aldeia de Podstolovka. (Vire a carta e lê a endereça.) Ao Ilustríssimo Senhor Ivan Vassilievitch Triapichkin, rua do Correio, casa número 99, dobrando-se à esquerda, primeiro andar, à direita."

UMA DAMA

Mas, que contratempo!

GOVERNADOR

Apenhalou-me! Apenhalou-me! Esta carta! Carta! Completamente morta! Não vejo mais nada! Só fadigas de porco em lugar de carne! Focinhos de porco!... Tragam-me de volta! Tragam-me de volta!

CHEFE DOS CORREIOS

Quem poderá trazê-lo? Eu mesmo ordenei para que tra-

davam a melhor tocha. E o diabo me instigou para que eu lhe desse uma ordem escrita, com a qual ele vai pagar os melhores cavalos de moda pelo cavaleiro!

MULHER DE KOROSKIN

Que confusão incrível, meu Deus!

AMMOSS

E eu? E eu que lhe emprestei trezentos rublos!

ARTÉMY

O mesmo lhe dei eu!

CHEFE DOS CORREIOS (*inspirando*)

Eu também lhe emprestei trezentos rublos.

BOBTCHINSKI

Eu e Piotr Ivanovitch lhe emprestamos sessenta e cinco.

AMMOSS (*desconcertado, com um gesto de perplexidade*)

Mas... mas, como foi isso, senhores!? Como se explica termos tido tanta impostura?

GOVERNADOR (*fazendo as travas*)

Como se explica ter isso acontecido comigo?... Comigo... velho troista?... É claro, porém o juízo! Estou ficando gígi! Trinta anos de administração pública! Em trinta anos nenhum comerciante, nenhum artesão conseguiu me enganar. Eu vi, segurei um tapador depois do outro. Enganei os maiores ladrões e malandros, dei-lhes que roubam meu mundo. Mas eu tenho três governadores! E que governadores! (Com um gesto de desalento) Ah, não falemos de governadores!

ANNA ANDREIEFNA

Mas isso não pode ser, Anastá. Ele se comprometeu com Mikhaila!...

GOVERNADOR (*insuflexível*)

Ah, se comprometeu!? Pense que se comprometeu! E sem da diácula "se comprometeu"! Vejam, vejam todos! Toda a cidade! Toda a cristandade! Vejam todos como o governador foi feito de testa! Vejam todos como passou por inteiro! O velho malandro!... (*Amorpendendo-se com o próprio punho*) Ah, desgraçado desgraçado! Confundiste um palhaço com um homem importante. E lá se vai ele, rindo pelos cantinhos. Espalhando nos quatro ventos o que aconteceu! E como se não bastasse um motivo de troça para toda a cidade, ainda vai aparecer um rabinizador, um boiador de papéis qualquer que te inventará alguma coisa! Isso é o que mais me dói! Não vou pôr a mão na minha posição! E todos pagalhando mostrando os dentes e batendo palmas! Parece que eu vejo! Mas então rindo de quê? Inteiro! Então rindo de si mesmo! (*Bate com os pés no chão, brado*) Ai, que eu castigaria todos esses canotes! Ah! Espetáculos, ah, literatura maldita, argumentos de diabo! Eu amaria todos juntos num só feio, eu os transformaria em pó, eu os... *assá!* (*Dá golpes com os punhos no ar, batendo com os pés. Depois de uma pausa, procura desviar-se*) Não consigo me acalmar. É assim mesmo quando Deus quer nos castigar, começa por nos tirar o raciocínio!... Vamos ver: o que tinha de inspetor para aquele malandro? Nada, absolutamente nada! Nem um plágio de umelhanga e no entanto, de repente, estavam todos lá: "inspetor aqui, inspetor ali"... Ah, o inspetor! Meu Deus, um inspetor! Quem foi o primeiro a espalhar que ele era o inspetor? Respondam!

ARTÊMÝ (*com um gesto de perplexidade*)

Que eu saiba, se estendo como é que isso foi acontecer!
Foi como se entrasse uma sêrpe na minha cabeça, como
se eu fosse enredado pela própria demência!

AMMOSS

Pois aqui está quem espalhou a notícia. (*Apostando*
Dobrochinski e Dobrochinski) Foram esses cavalheiros!

DOSTCHINSKI

El, ei! Eu não! Não sequer pensei...

DOSTCHINSKI

Eu não disse nada, absolutamente nada...

ARTÊMÝ

Foram os senhores, sim!

LUKA

Claro que foram eles! Viam correndo da taverna, gri-
tando como uns loucos: "Eis veis! Vem e não paga!"
Pelo amor de Deus, tais personagens descontrolam.

GOVERNADOR

Naturalmente que foram vocês! As comadres da cidade!
Bommeiros maliciosos!

ARTÊMÝ

Que vão pro diabo, com o lagarto e todas essas
histórias!

GOVERNADOR

Vivem correndo pela cidade, cochichando, urubus
desprezados!

AMMOSS

Maldades difamadoras!

LUKA

Pálhaços!

ARTÊMÝ

Intrigantes patquitos! (*Todos correm as duas arcadas*)

DOSTCHINSKI

Juro por Deus que não fui eu! Foi Piotr Ivanovitch!

DOSTCHINSKI

Oh, não, Piotr Ivanovitch! Pois se foi o senhor primeiro
e...

DOSTCHINSKI

Não, não, Piotr Ivanovitch, o primeiro foi o senhor.

ÚLTIMA CENA

Entre um soldado.

SOLDADO

Senhores! Um funcionário, que acaba de chegar de São
Petersburgo com ordem especial, ordena que o procura-
rem imediatamente. Ele está no hotel.

(*As palavras pronunciadas têm o efeito de*
um raio. De todos os lábios femininos vem
um som de surpresa; todo o grupo que, de
repente, muda de posição, para como que